

Jundiaí, de 19 a 25 / 1 / 76

CR \$ 2.00

O futebol, 50 anos depois. PAG. 10



Fique milionário com a zebrecá. PAG. 10



Concrebra's : fora da lei, dentro do esquema. PAG. 16



Paulinho Brito from Nova York. PAG. 13

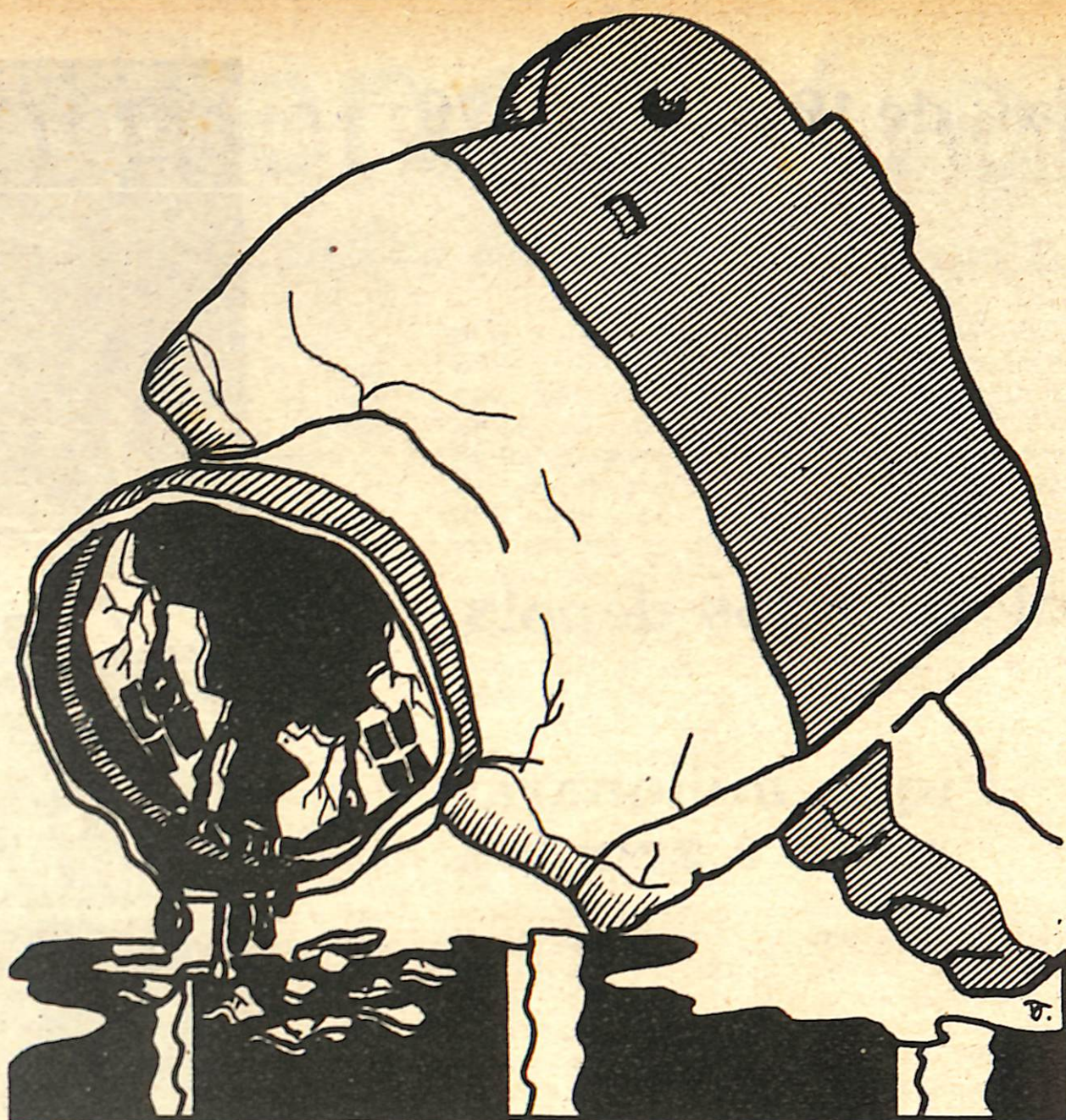


O boulevard que teremos e o boulevard que queremos. PAG. 11



PIS: dinheiro certo, não importa quanto. PAG. 8





Luzes, câmara... Corta!

"É chato ser bonito e inteligente", diz a voz popular fazendo chacota, ou auto-ironizando.

Eu discordo. Acho que o bonito e inteligente é que, via de regra, é um chato.

Ou, se não é regra, é o caso de um cara que coici, em 1965 (puxa, quanto tempo!). Um cara que eu já conhecia de nome, quando me foi apresentado por amigos, pessoalmente.

Ele trazia na mão o roteiro de um filme que planejavam realizar, eles e os meus amigos. "Dá uma lida e depois você me conta o que achou. Olha, se quiser dar uns palpites, vá em frente", foi o que o cara bonito e inteligente me disse, ao entregar-me o roteiro - um calhamaço de papéis datilografados que trazia, na página 2, o primeiro "take" do filme: uma sala de reuniões, com homens muitos estranhos, ouvindo um gordo careca falar sobre a crise de suas empresas. O gordo dizia imprecações contra os rapazes cabeludos responsáveis pela crise: "esses nojentos não usam mais terno, não usam paletó", qualquer coisa pelo estilo. O gordo seria João Soares, os cabeludos inimigos e de todos os fabricantes de roupas, seriam Roberto Car-

los e Erasmo coadjuvados por Wanderléia - para quem estavam reservados momentos de terrível apuro, no transcorrer do roteiro. No final tudo daria certo e Roberto cantaria "Eu te darei o céu", música criada especialmente para o filme, que nunca foi realizado.

A partir do dia da nossa apresentação, convivemos quase que diariamente, os meus amigos, e eu. Num desses dias, fomos todos assistir a um copião (copião é o filme bruto, tal como foi filmado, sem cortes, sem som, é a matéria-prima do filme final) de outro filme, esse realizado: cenas de incrível violência, Raul Cortez e Jucade Oliveira sofrendo atrocidades nas mãos de Anselmo Duarte. No escuro da sala, brilhavam os olhos do cara bonito-e-inteligente, o autor do filme: ele pressentia que aquilo, aquela massa bruta sem som, seria um grande filme, um filme importante. E todos nós, os outros, também sabíamos, tal a emoção, a raiva, a vontade de gritar que nos enchia o peito e a garganta. Em certas cenas, o cara pedia que prestássemos atenção na bronca de Cortez ou de Juca, ao final da tomada. Bronca contra ele, o diretor, que levava o realismo das torturas e

pancadas a tal extremo, a ponto de ferir, realmente, os atores. Ele sorria ao pedir nossa atenção; ele era um chato também quando dirigia seus filmes. Um chato perfeccionista.

A discussão de qualquer assunto, o mais banal, era complicada quando ele estava por perto: queria

saber o porquê das nossas afirmações, discordava sempre delas, tinha a sua versão, argumentava, enchia o saco. Era um chato que não se contentava com o aspecto superficial de nada.

Noutra ocasião, depois de ouvir (como bicão, sapeando) uma apresentação do conjunto vocal "Os Três Moraes" (o trio cantou pra gente ouvir, já que nós faríamos a capa do seu novo LP), o cara perguntou: "Por que 'Três Moraes'? Que nome mais besta!". Sidney Moraes explicou, reexplicou, era nome de família, eram parentes os três, patati, patatá. "Nome mais besta, nome assim não ajuda a vender a imagem do conjunto, pô!" palpitou o chato, talvez lembrando que "Renato e Seus Blue Caps", ou "Os Incríveis" - conjuntos musicalmente muito inferiores ao "Moraes" estavam no top das paradas, enquanto nin-

guém ouvia falar do trio de parentes. Era um chato que sabia das coisas.

Depois de 68, nos vimos raríssimas vezes, a última das quais ele me chateou, criticando o roteiro de um comercial de Tv que eu escrevera e que ele produziria. Puxa, como ele me encheu, como complicou!

Na quinta-feira, dia 8 de janeiro de 1976, um dos nossos amigos comuns me ligou para dizer: "Sabe quem morreu? O Person".

Luiz Sérgio Person, bonito e inteligente, um cara brilhante, autor de filmes importantes como "São Paulo S.A." e "O Caso dos Irmãos Naves" produtor de musicais como "El Grande de Coca-Cola" e "Orquestra de Senhoritas" morreu, vítima de um acidente com seu automóvel.

Morreu sem voltar do estado de coma pós-acidente.

Morreu sem poder chatear médicos e enfermeiras a respeito da data em que deveria receber alta do hospital - ele que não era um homem de ficar parado, dentro de quatro paredes.

Nós vamos sentir muita falta da impertinência do Person, um chato maravilhoso...

Erazê Martinho



Agora sim. Agora as coisas acabam de ficar bem explicadinhas. Desapareceu aquela gangorra entre o presépio e o bulevar. Vamos ter as duas coisas de uma só vez, isto é, o bulevar dentro do presépio.

O presépio - como ele próprio anunciou - vai ser obra do prefeito, enquanto que o bulevar estará a cargo de uma comissão de "beija-flores" - apelido que lhes deram por terem a faculdade de voar para frente e para trás, consoante as conveniências, do momento.

Permita o leitor que abramos um parêntese nesta conversa, com o intuito de pesquisar em torno de quando era melhor a molequeira, se nos verdes anos em que eramos realmente moleques, ou se agora, quando deixamos a poeira da nossa infância na quebrada do caminho.

O tempo vai longínquo para que possamos ajuizar com sabedoria. No entanto, por atos e fatos do dia-a-dia somos induzidos a acreditar que é muito mais gozado voltar à molequeira depois de amadurecidos.

Se nos propuzermos mandar ao diabo a inibição, imaginem só que pagodeira, quando, esquecidos da carência e dos impostos, passarmos umas férias caçando ratos e pardais em pleno bulevar.

Basta que tenhamos um pouquinho de cuidado para que nenhuma estilingada sem rumo vá pegar o "bambino" na placidez da "manjedoura", evitando, outrossim, que Diogo e Davi não venham de novo bancar o holandês.

São bastante remotas, todavia, as hipóteses de que essa irreverência venha a acontecer, já que a "manjedoura" está diuturnamente cercada por um forte contingente de "chupetas".

Isso nos dá a certeza de que vamos passar uma trintena tão arregalada a ponto de nos tornar esquecidos sobre o que nos espera em 77.

Pensa bem o nosso prefeito em não ligando muito ao palavreado chulo desses trombeteiros suburbanos. Pouco importa se enquanto pisarmos uma alcatifa de flores no bulevar, os marmiteiros nos bairros pisarem outra coisa. O que vale é a posição social do indivíduo.

Que se dano o futuro. O que vale é viver este ano, respirando a fragância das flores num bulevar encantado.

Pouca importância há que se dar ao sentimentalismo piegas de mentalidades bisonhas ao entenderem que o nosso prefeito devia estar primeiro cuidando de precaver as enchentes, de aplacar o sofrimento nos bairros da miséria, de tapar a buraqueira das ruas, de amenizar a fedoreira do Guapéva, de estender a rede de água e esgoto aos lugares onde está sendo requerida, de consertar o viaduto da Barreira para que os passantes não se banhem contra a vontade, de acabar com os ratos, de respeitar as árvores, etc.

Pois venha a bulevar. Deliciemo-nos caçando e pardais. Pena que as "aves de arribação" sejam imunes aos nossos perdigotos.

Tudo OK. Isto é, quase tudo.

Só não dá p'ra concordar com um tal de Espiridão Barbalhosa, quando pretende que se transforme a Barão num "convívio camponês". Que que é isso (?) seu Espiridão. Voismecê voltou de lá muito influenciado. Vade retro...

Pouco importa se p'ra o ano Em as coisas pretejando Temos que entrar pelo cano

O que importa é acompanhar Seu prefeito de pagode Passeando no bulevar

Ver o "progresso que explode" E poder a gente alardear Seu prefeito é como bode...

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2a. FEIRA
Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4,2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula

Capa e ilustrações: Décio Denardi

Oficinas Impressoras: "Diário do Povo"
Campinas

O mito da Situação

("Mais crimes contra a humanidade têm sido cometidos em nome da obediência, do que pela rebeldia" - Charles P. Snow)

O Sr. Ibis Cruz, prefeito de Jundiá, ostenta dois títulos: o de dinâmico e o de corajoso. Não sabemos se pretende ampliá-los, mesmo porque esses qualificativos lhe foram conferidos por compadres (ou confrades?), que confiavam na sua eleição "desde as primeiras horas".

Nem bem eleito, ele começou a justificar as lantejoulas a ele conferidas, movimentando, com notícias e publicações oficiais, as bocas de seus amigos altifalantes. Foi, realmente, uma boa boca para esses compadres (leia-se confrades, daqui por diante).

O fato entristeceu um outro compadre, que se viu forçado a partir para uma mitológica oposição, tão bem definida pelo "Jornal da Cidade" (14/1/76) como "ruídos de entranhas mal-satisfeitas".

O sr. Prefeito, que nada mais quer do que "trabalhar honestamente em paz" abriu no seu magnânimo coração também para o outro compadre. E assim, a histórica administração do sr. Ibis Cruz, inaugurou em Jundiá, a era da desinformação, do "press release", da claqué impressa.

Mas não pararam aí a coragem e o dinamismo do sr. Prefeito.

Ao contrário. Uma vez apaziguada a vizinhança, ele pode abrir o leque da sua coragem e de seu dinamismo.

Dinamismo que fez movimentar muita terra, para a abertura da avenida Córrego do Mato, depois de uma concorrência marota que contratou serviços por preços que chegam a ser duas ou três vezes maiores do que o preço normal do DER.

Coragem de contratar, com o dinheiro público, do "Zé Caboclo", advogados caríssimos para dar aos atos contrários aos interesses da cidade o caráter de "estritamente legais". Coragem de elevar brutalmente os impostos, para demonstrar crescimento da receita e, com isso, obter financiamentos vultosíssimos para fazer mais movimento de terra e mais asfalto a preços extorsivos. Coragem de especular com a gleba de terra destinada a área verde, na Vila Hortolândia (detalhes na página 16), ele e mais um compadre-mesmo. Coragem de fechar o "Snack Bar", porque contrariava o dispositivo da Lei do Plano Diretor - Lei que ele ignorou, no caso da Vila Hortolândia. Coragem de garantir uma absurda exclusividade à Andrade-Gutierrez, para que ela asfalte sozinha a cidade, a preços tão absurdos quanto a primazia. Coragem de afirmar que, graças ao seu desgoverno, "o abastecimento de água estará, finalmente, normalizado".

Por mais estranho que isso pareça, esses fatos estão acontecendo, realmente, numa municipalidade chamada Jundiá, a 60 quilômetros do maior centro urbano do país. Em Jundiá, onde se pretende escrever História mitificando o dono da Situação.

Desses endossadores do mito da Situação, do mito do dinamismo e da coragem, é preciso ficar bem perto e atento, para dar intenso combate.

"Ou nos sujamos também", pela omissão ou pela conivência.

Poder econômico

Representa o poder econômico, todavia, um fator tão importante que tem sido na verdade a maior preocupação dos responsáveis que tem tomado medidas e iniciativas no sentido de se colocar uma barreira a essa tremenda força que decide muitos pleitos eleitorais. Não será preciso ir muito longe para verificarmos que inúmeros candidatos, inclusive os que se apresentaram com pinta de pobretões, gastaram milhões de cruzeiros, acobertados por forte retaguarda.

Daí, a preocupação do Governo nas sucessivas alterações da lei eleitoral. O pensamento muito justo de todos é que numa democracia realmente plena, as possibilidades devem ser iguais para todos.

Mas não tem dado resultado algum e não dará por um motivo muito simples. Não é um mal nacional. É mundial. Nos próprios Estados Unidos da América do Norte que vive realmente num regime democrático dos mais liberais, não se evita a participação do poder econômico e muito ao contrário, a dança dos dólares não é para brincar.

De todos os dis-

positivos introduzidos em nossa legislação o mais sério foi o de reduzir prazos e fixar limites de despesas para as campanhas políticas.

Mesmo assim o tiro saiu pela culatra. Quando se pensou que no sistema de prazo mais longo levavam vantagens os que mais posses tivessem para sustentarem uma campanha durante um período de tempo mais longo, laborou-se num grande erro que também está a exigir correções.

O candidato sem recursos financeiros contava realmente a seu favor o fator tempo, quando com esforço próprio, mais físico que material, dia a dia, de amigos e parentes, ia realizando um trabalho que se dizia de sapa. No final da história, se contasse realmente com méritos, poderia se ombrear com os adversários por mais ricos que fossem.

Hoje, com três meses em campanha prevalecerão quase sempre os candidatos que mais recursos dispuserem.

É fato sabido e corriqueiro que os meios de comunicação conduzem as massas, sejam elas de consumidores, sejam de eleitores.

E numa cidade média ou grande, não se conseguirá a comunicação de boca em boca.

Os candidatos gastam fortunas que não aparecem nas suas contas da campanha. Não há fiscalização possível para coibir abusos e além disso as contas passam por uma Comissão composta pelos dois partidos. Ora, se os partidos se entendem, o que discutir?

Agora, o que tem acontecido quando temos candidatos de poder econômico suficiente para se eleger e outro muito menos capaz financeiramente? Aceitar a situação e dar o de menor recursos por vencido? Claro que não. Deve-se lutar a mais não poder. Mas quando não há essa disposição de luta o que acontece?

Nada mais nada menos do que o envolvimento do candidato com grupos econômicos que subvencionam aqueles que mais lhes interessam. E não será preciso ir muito longe para se concluir candidato que se eleger à custa de grupos econômicos, será evidentemente o pior porque se envolverá numa série de compromissos que jamais cumprirá com dignidade o seu mandato.

Se impera a lei do mais forte. Não será questão de partidos e sim de pessoas. Os que podem mais choram menos. E já dissemos que o maior furo da lei que procura combater o poder econômico reside na participação da máquina administrativa.

Conquanto se tenha feito tudo para evitar, sempre encontraremos inúmeros candidatos que se servem fartamente do dinheiro público revestido de mil formas, para promover seu nome e sua campanha. Aqui não há jeito mesmo, a não ser que se proibisse terminantemente que funcionários graduados e comissionados participassem direta ou indiretamente nas campanhas eleitorais. Mas como sabemos que isso é utopia, vamos continuar apreciando a marcha do sistema de salve-se quem puder e de como os candidatos que se dispuseram a agir honestamente no fiel cumprimento à lei devem lutar desesperadamente para oferecer sua contribuição como bons brasileiros que participam realmente do processo democrático, certos de que a omissão é o pior dos males.

Virgílio Torricelli

Boi de piranha

O prefeito Ibis Cruz continua usando de práticas travessas para as suas promoções junto ao grande público.

Com o indisfarçável propósito de desviar os olhos da população pousados sobre os descaminhos que vem palmilhando à testa dos negócios municipais, tem inventado uma porção de coisas estapafúrdias que por ociosas deixamos de reparar.

A falta de um pretexto melhor, descartou, agora, para cima da Telesp.

Lícito é dizer que não levam estas linhas nenhum acoitamento a essa empresa que, passível de todas as críticas, vem nos prestando um serviço telefônico da pior qualidade, com centenas de aparelhos emudecidos a cada chuva que desaba.

Não obstante, ao embargar com sensacionalismo as obras que a Telesp vem executando nas ruas, o sr. prefeito agiu como teria dito o francês, "pour épater les bourgeois" - ou seja, para efeito pirotécnico junto dos basbaques.

A Telesp - ao que se propala com ressaibos de verdade - vem emburacando as ruas da cidade na extensão das suas linhas, sem contudo reparar a buraqueira que deixa ao término das obras.

Até aí, tudo muito compreensível. É patente a necessidade de se impor um corretivo à essa contumácia danosa.

Mas, que não se pretenda fazer da Telesp um boi de piranha. Que não se faça dela justificativa para o estado calamitoso das nossas vias públicas totalmente desas-

sistidas pela Prefeitura Municipal. Por onde quer que se vá, encontra-se crateras de todos os tamanhos, umas oferecendo perigo ao trânsito de veículos, outras fedorentas levantando miasmas e pestilências ao sabor dos ventos.

Numa rua da Vila Hortolândia, o gentio deu largas à sua zombaria, plantando vistosa tabuleta onde se lia: - "Nesta lagoa a Prefeitura vai criar peixes para o povo."

No mesmo jornal onde o chefe do executivo anunciava em manchete o seu gesto espalhafatoso, vinha estampada uma notícia, que, com a devida vênia, nos permitimos transcrever apenas o primeiro parágrafo: - "Vila Pirapora Reclama de Buracos e Esgoto - Um bueiro es-

tourado há mais de duas semanas e os grandes buracos no leito das ruas, vem provocando protestos por parte de vários moradores da Vila Pirapora. Alegam estar o bairro abandonado pela municipalidade, que não ouve as reclamações seguidamente formalizadas.

Como vem, sem tirar a razão do sr. prefeito quando impõe à Telesp a obrigação de tapar os buracos resultantes de suas reformas, é imperativo que s.s. se conscientize de que também é seu dever indeclinável eliminar aqueles outros buracos bem mais perigosos e que em maior número estão reclamando pela providência do poder municipal.

Isto exposto, força é repetir - Não faça o sr. prefeito da Telesp um boi de piranha.

Elcio Vargas

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Posse no CREA

Sr. Tomou posse como Presidente da CREA 6a. - Região, no último dia 5 do corrente, em solenidade realizada no São Bandeirantes, de São Paulo Hilton Hotel, o engenheiro-civil Máximo Martins da Cruz.

Ao ato, estiveram presentes diversas autoridades, dentre as quais, o engenheiro Bernardino Pinetel Mendes, Presidente do Instituto de Engenharia de São Paulo; o arquiteto Luiz Calheiros Cruz, Vice-Presidente em exercício, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia; o engenheiro-arquiteto Armando Strambi, Presidente do CREA - 7a. Região; o Prof. Durval Cotinho Lobo, Presidente do CREA - 21a. Região; o engenheiro Cyro Peixoto dos Santos, Presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo; o arquiteto Geraldo Vaspaziano Puntoni, Presidente do Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo; o engenheiro Mário Eugênio Dorsa, Presidente do

Sindicato da Indústria de Construção Civil e de Grandes Estruturas no Estado de São Paulo; o geólogo Flavio Koff Goulon, Presidente do 8a. Região, e o Engenheiro Sílvio Jaguari, Presidente do CREA - 12a. Região.

Na mesma solenidade, foram entregues ao engenheiro-civil José Luiz de Mello Malhiro, ex-presidente do CREA - 6a. Região, e ao Engenheiro-Arquiteto Philipp Lohbauer, ex-Conselheiro do mesmo Órgão, prêmios de reconhecimentos público por serviços prestados ao Conselho durante o exercício de suas funções. Ainda na mesma oportunidade, foram entregues certificados de serviços relevantes prestados à nação a Conselheiros que concluíram seus mandatos e a ele faziam jús.

Eng. Máximo Martins da Cruz
Presidente do Conselho Regional de Eng., Arq. e Agronomia

O texto deste jornal foi inteiramente composto nas incríveis IBM dos nossos amigos Olivato e Siqueira, que quebraram o maior galho pra gente. Se não fossem a Fátima e a outra garota (as operadoras das IBM), este jornal de 2ª teria saído inteirinho escrito assim, à mão. Obrigado!

ESTÃO FALANDO DE NÓS

Doracy Soares de Camargo, responsável pelo expediente da agência da Caixa Econômica Estadual de Jundáí, é citada na matéria "mulheres gerentes", publicada na revista VEJA, edição de 7/1. Depois de observar que, "para provar competência, uma mulher precisa, simplesmente, render muito mais que um homem", a revista conta a história de funcionários da Caixa Econômica Estadual que chegaram ao cargo de gerente, concorrendo com os homens. O trecho em que Doracy aparece é este:

"(...) Entrou na Caixa em 1962, como escriturária, e logo sentiu um cerco fechado ao seu desempenho. Os homens não me deixavam chegar perto. Graças a duas mulheres, já aposentadas, consegui aprender. A partir de então, Doracy funcionou como curinga, para ser indicada ao cargo de substituta de gerente em 1968. Lá permaneceu até 1974, quando prestou concurso à subgerência. Foi uma guerra de nervos. Funcionários mais antigos diziam que o cargo já era deles. Mas só eu passei. Doracy, viúva, um filho de 6 anos, estuda administração à noite (...) Captar a confiança, para ela, é fundamental no esforço de au-

mentar depósitos e investimentos. Nossa função é sorrir e atender bem. Assim, com o mesmo sorriso, ela atende a mulher que vende ingressos para um espetáculo beneficente, o homem que não sabe preencher formulários, o colega de faculdade que passa na calçada. O efeito é um rápido crescimento da agência, atualmente com 84 milhões de depósitos e 12.000 contas".

XISTÉ

O Jogador Xisté, ex-Palmeiras, ex-Guarani de Campinas, ex-Comercial e ex-Estrela da Ponte, atualmente no Ceub, tem sua carinha publicada na revista "O Curingão" (da semana passada), especializada em loteria esportiva. É chamado de "freguês de caderneta" da Caixa Econômica Federal por ter ganhado duas vezes o prêmio dado semanalmente ao marcador do "gol mais demorado". Quer dizer, além de ter estragado as apostas de muita gente - graças a seus gols, o Ceub empatou, fora de Brasília - ele ganhou quatro mil cruzeiros, sabiamente depositados em caderneta de poupança.

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR

ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ.
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN

avenida antonio segre. 504



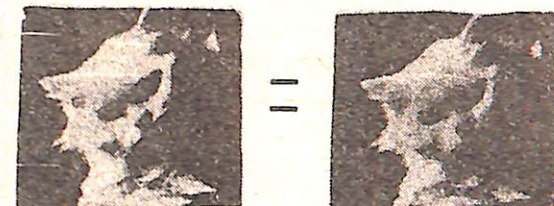
artesanato
bijuteria
novidades

ENGENHEIRO MONLEVADE, 523 - JUNDIAÍ



ANO NOVO
COLORIDO
SILVATEX
BARÃO 919
TELEFONE
67178

FOTOCOPIADORA
MALTONI

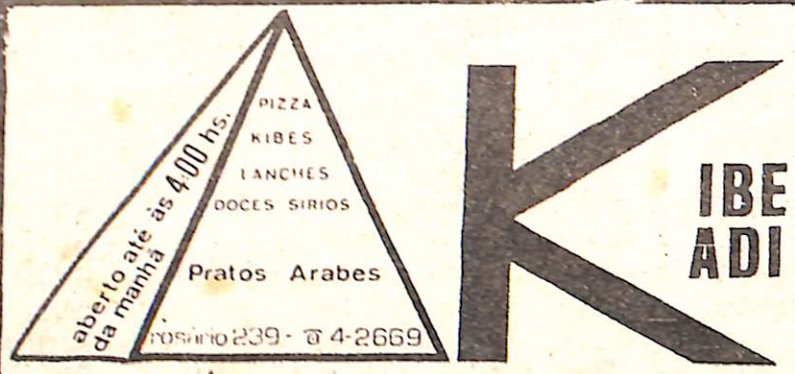


nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460



R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456



aberto até às 4:00 hs.
PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Arabes

IBEADI

telefone 239 - 4-2669

MONTES DE BOSSA

E aprendia-se de um tudo; porque o "Fessô" Raimundo aproveitava-se do interesse pela música para arear os cantos escuros das idéias caboclas. Carecia ter paciência e ele a tinha. Seu único gesto de desacorçoado, raro, era o de ajeitar a cabeleira desalinhada e rala com os quatro dedos da canhotia. Nada mais. Enquanto todos aprendiam o nosso jeito de ser ia mudando.

Muitos anos antes Faustão comprara uma ocarina, sei lá onde, de uma ida penitenciosa a Nossa Senhora Aparecida. E de volta da romaria já veio soprando o instrumento exótico. E tocava e tocava e apurrinhava seu povinho. Com o aprendizado da música, trouxe o instrumentinho e deu uns piados pro seu Raimundo ouvir. Ouviu.

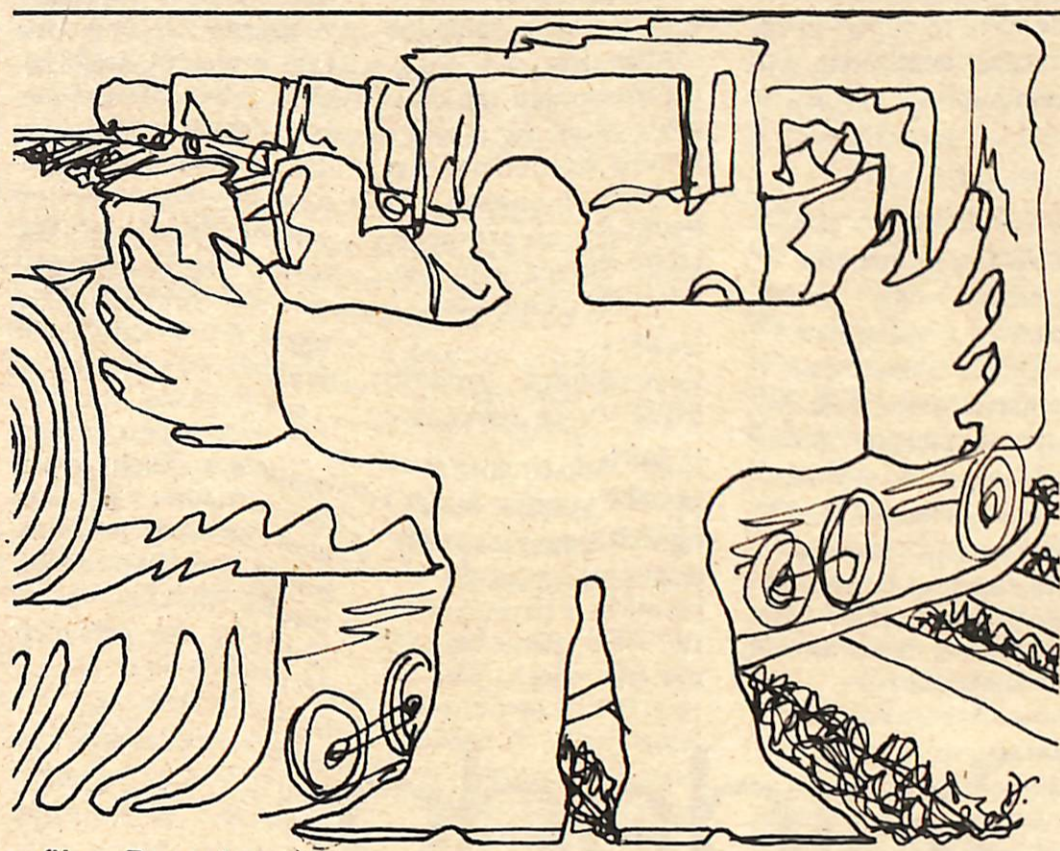
—Tá bom. Mais largue disso agora. Tome tento no que vou lhe dizer. Arranje uma flauta emprestada com o maestro Belardo. Feito o arranjo, lá estava firme no solfejo o Faustão e a flauta. Meu pai, que gostava de instrumentos de palheta começou pela requinta. E não foi então que o tal tinha nascido clarinetista já feito? Pois foi. Forante um pouco de sangue nos beiços no começo, mode a vibração da palheta, o domínio foi rápido, coisa igual nunca se dera!

Da requinta prá clarineta foi um tapa. Em seguida dominou os seis. Começou pelo sax-tenor (sibemol), traçou o soprano (mibemol) e o soprano (sibemol) e o barítono e o baixo foram uma sopa, não tinha boguilha que não se ajeitasse. E a banda ganhou dois músicos-Faustão no flautim, e na flauta, e o meu velho nas palhetas; só não tocou oboé. O resto foi uma beleza, dilúvio de novas descobertas. E as serenatas, muitas, pelo puro prazer da música. E a mãe braba:

—Música nada! É uma semostração desavergonhada que não tem fim. Pois não é qu'ele chega em casa dia clareando, cos galo já amiudando, na hora da tiração do leite? poca vergonha!

E aparece a moda do cinema. Cinema mudo. Carecia de orquestra pra acompanhar as fitas. E de músicos bons. Tocavam de cor c'os zoio rebitado pra riba olhando o filme na tela. Cada vez que tocava o rolo na máquina, era uma parte e acendida a luz. Dez, doze, partes, dez doze acendia de luz. E os músicos firmes, musica de acordo com o enredo. Valsas ou chorinhos, maxixes, Zé-quinha de Abreu ou Patapio Silva, tudo de cambulhada. Olho na tela.

Faustão e a fa-



mília - Raquel e um filho - foram pra vila. E na minha casa um jeito diferente ia tomando conta do povo. Assim como que um ar de arribação. Ninguém tocava no assunto mas havia um cheiro de vila nas maneiras de todos. Nas noites povoadas de candeiros e lamparinas, lampeão de querozene já tinha ares de luz "eletre".

No quarto do casal, onde sempre havia no copo de vidro a chama da lamparina de óleo; um pavio atravessado numa estrelinha, boiando numa cortiça. Foi a única luz roceira que sempre acompanhou o casal - que o amor de entrega e abandono de perdição não podia ser no escuro de breu - carecia a lamparina de azeite.

Ir pra vila pra quê? A música dava dinheiro? Qual o quê, nem um tusta. Tocando no cinema, en-

trada de graça. E então? Sabemo-lá, a aventura, aprender coisas, mais escolas, a roça andava cada vez pior, as colheitas minguavam, a terra se tornava mardrasta, não tinha estreme que desse.

A vila? Tinha quatro ruas conhecidas pelos apelis: Rua do fundo dos quintais, rua de baixo, rua do meio e rua de cima.

As travessas e becos eram conhecidos pelo nome de seu morador mais importante. Rua do coronel, rua do nho Belardo, beco do Bar do ponto, boteco dos finados, loja da Lua - que eles diziam Lua - é a padaria, e o terreiro. E o padre Da-

mião, sua charrete e seu burro limão.

—Onde tá o padre Damião?

—Mecê vá pra rua de cima, onde tive um burro cum charrete vermeia, é ele...

Dito e feito fomos pra vila. Trocamos o casarão da roça péla casa da vila, a água da bica pelo poço o lado de traz da bananeira pela fossa negra fedida. Escola de pau-a-pique, música na banda, nas serenatas e no cinema (uma e no cinema (uma vez por semana) e serviço de carpintaria. Serviço pouco.

A banda, o maestro Belardo, seus instrumentos. O sax, o bombardino, o contra-baixo (tuba), trompa, trombones,

flautas e flautins e as palhetas. Os pratos e as caixas e o bumbo. As músicas, dobrados, marchas e de procissão "queremos Deus".

Faustão foi perdendo a paciência. Um dia pegou a jardineira e tocou-se para Barueri, foi ver o trem de ferro, puxado pelo carro de fogo. Ficou o lá dia inteiro e viu, não um, mas dois trens. E ficou admirando o bicho até que sumiu na curva. O trem não foi pra parte alguma senão pra dentro do Faustão que não tirou mais a idéias da cabeça. Chegou em casa e foi logo dizendo;

— Raqué, bamo simbora pra São Paulo.

— I fazê o que lá?

— I ficá fazeno o que aqui?

Foi confabular com meu pai, qu'ele nada fazia sem pro-sear primeiro. Da conversa resultou irem trabalhar na construção do quartel de Quitauna. Dessa veisada inda não foram prá "Sã Paulo". Mas iriam.

Exodo rural não é fuga. E uma busca às cegas. Não sabemos com certeza para onde vamos e nem o que queremos.

O Bartimeu

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n.º 578
8.º andar - conjunto 881 - C

ÚLTIMA SESSÃO

Um homem de meia-idade, roupas rotas e com um capacete de plástico debaixo do braço estava de pé atrás das poltronas estofadas e totalmente ocupadas da Câmara Municipal na noite do último dia 9.

Ele e todos os outros presentes foram as principais personagens do que poderia ter sido um bom filme de suspense, devido ao seu inesperado desfecho: o adiamento da decisão dos vereadores sobre o projeto do aumento salarial e reestruturação do funcionalismo público municipal.

Envergando sobre as mangas de camisa o papel de presidente da Câmara, Carlos Ungaro

deu por iniciada a sessão extraordinária pouco depois das 20 horas. Contraindo, Elio Zillo - interpretando com muita convicção sua função de líder da bancada arenista, solicitou um adiamento de meia hora para as comissões terminarem seus estudos.

Como os poucos vereadores presentes no plenário nada tinham contra, a solicitação foi atendida e encerrou-se a primeira parte. Pelo menos no plenário, pois a movimentação nos bastidores continuou intensa, tanto quanto nos auditório, o que se retirou em parte do recinto para respirar ar fresco no alto da Esplanada.

Cerca de 45 minutos depois, com as mesmas personagens e cenário, o diálogo quase se repetiu. Zillo pediu ao presidente mais meia hora de prazo para a conclusão dos estudos. Talvez por uma falha de contra-regra, um espectador exprimiu seu desagrado, o que fez o líder arenista interromper suas palavras por alguns instantes. Por sua expressão, estava irritado com a intervenção inesperada.

Muitos minutos depois, o que deu chance inclusive de circular uma prosaica garrafa de água mineral entre as merendeiras presentes, foi montado o terceiro cenário. Zillo, desta vez, pediu prorrogação para 22

horas, tempo que considerou suficiente para as comissões encerrarem a tarefa.

Isto deu um pouco mais de trabalho, pois ele explicou o que estava ocorrendo. Segundo sua fala, o projeto, de 73 artigos, é bastante complexo e depois de tê-lo estudado o dia todo, a Assessoria Jurídica emitiu um parecer de 30 aludas, além das 41 emendas opostas pelos vereadores, sendo 30 apenas de Ale Alencar.

A espera, então, continuou. Todos aqueles servidores públicos que esperaram pacientemente o desfecho da situação, tiveram de se contentar em controlar

suas emoções até perto da meia-noite. Alguns, no entanto, não resistiram e abandonaram o suspense.

A última cena teve como astro principal o presidente, para onde se voltaram todos os luminosos olhares de assistência. Sentado, relatou que tinha em suas mãos o requerimento solicitando um prazo de 30 dias para a discussão e votação do projeto, assinado pelos membros das comissões de Justiça e Redação, Assuntos Gerais e Finanças e Orçamento.

A decisão ficou a cargo do líder de bancada, Zillo, pela Arena, coadjuvado por Alencar, do MDB, apesar dos pro-

testos do quase figurante Rolando Giarola, que ocupava a secretaria da mesa e se recusou a fazer a chamada.

Votando a favor da concessão do prazo, os vereadores ficaram com todo aquele tempo para estudar o projeto e por as emendas que julgarem necessárias. Se o final, que foi surpreendente, tivesse sido repetido em outras ocasiões quando um estudo mais profundo era de vital importância para a cidade (quem se lembra do vultoso empréstimo?), possivelmente nenhum "close-up" projetado desta administração denunciaria tantos problemas futuros.

Cuidado é preciso

O Prefeito precisa se cuidar para que maneadas como essas do projeto de reestruturação dos quadros do seu pessoal não se repita tantas vezes. Convocar uma sessão extraordinária para conseguir uma lei à toque de caixa como de costume tem se tornado tal prática que se perdeu o senso do ridículo.

Desta vez, no entanto, não deu. A dose era cavalariagem demais e mereceu um parecer do sr. Assessor Jurídico da Câmara com 27 laudas, o que já dá para entender que o projeto ou é por demais importante ou estava muito mal feito.

Lendo-se o projeto e as peças que o acompanham, verifica-se, desde logo, que ambos os fatos se sucederam: o projeto é importante e está realmente mal concebido e pior ainda redigido.

Curiosidades como: cargos de provimento isolado, quando qualquer criança em adminis-

tração sabe que não é o provimento que é isolado ou de carreira e sim o cargo. Diz-se cargo de carreira, ou cargo isolado de provimento efetivo, ou de provimento em comissão. Elimina-se a gratificação de nível universitário, como que para cartigar os que estudaram ou talvez por considerar que seriam luxo para a Prefeitura de Jundiá cuidar de manter um quadro de bom nível, tirando realmente a máscara e considerando o órgão bem insignificante.

Há disposições no projeto que estão simplesmente demais porque são matéria de decreto executivo. Ninguém entendeu muito bem aquela de classificar o aposentado no padrão maior dos respectivos níveis. Por falar em aposentados, há urgente necessidade de ser esclarecido o fato de haver aposentado com Cr\$ 5,67, Cr\$ 53,28 e Cr\$ 185,00 mensais.

Não acreditamos que existam aposentados da Prefeitura nesses ní-

veis. O que deverá haver são complementações dadas a aposentados do INPS; E o caso de Cr\$ 5,67 deve ter explicação que não pode ser sonogada.

Também não se explica porque o aposentado com Cr\$ 5,67 passará a ganhar Cr\$ 1.971,00, enquanto que um de Cr\$ Cr\$ 795,00 ficará com Cr\$ 1.810,00.

Há que se explicar porque o de 5,67 passará a ganhar mais o de Cr\$ 185,00 que passará para 1.366,00. Num cálculo de aposentadoria entram vários fatores como tempo de serviço e padrão de vencimentos. E porque o aposentado com 1.203,00 passará a Cr\$ 1.750,00, também abaixo de 5,67.

O que se sente é o cheirinho da coisa mal preparada para servir de cortina de fumaça para encobrir qualquer coisa nas entrelinhas. Desta vez, porém, não foi tentando comover o legislativo que conseguiu con-

duzir a votação. Cerca de 40 emendas demonstram o projeto enviado ao legislativo.

Talvez, no desejo de inovar, confundiu-se tudo, ficando claro que os autores não estiveram à altura (será que os funcionários capazes e mais velhos da Prefeitura não foram ouvidos?)

Nada temos contra o projeto, nem mesmo quando os valores. Todas as classes recebem aumento e os funcionários municipais têm esse direito.

Apenas não poderíamos deixar de reconhecer que a Câmara Municipal não tinha condições de aprovar a proposição como foi apresentada e deu uma demonstração de como deve funcionar quando se pretende agir com o cuidado que merece a coisa pública, com responsabilidade e soberania. Aqui fica o registro.

Esperamos, todavia, que dada a largada para bom desempenho não emperre no meio do caminho, dando o dito por não dito.

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s.n. — J. Messin

Fone: 4-1666

À sombra dos Mercedões Imortais

Numa entrevista exclusiva do sr. Assessor, nossa reportagem traz finalmente a público as verdadeiras razões que levaram à derrubada das duas velhas figueiras da Praça da Bandeira.

- Sr. Assessor, boa tarde.

- Distinto público, ouvintes de casa, meu cordial, boa tarde.

- Sr. Assessor: algumas vozes impatrióticas levantaram-se para protestar contra a derrubada das velhas figueiras que atravancavam o progresso de Municipalidade. O sr. teria algo a dizer?

- Bem... As figueiras atravancavam o progresso da Municipalidade como disse o solerte repórter.

- Mas a ecologia, sr. Assessor?

- A ecologia? Isso não mandei cortar, não senhor.

- Não, digo, isto é, quero referir-me, digamos assim, ao meio-ambiente.

- A meio ambiente, nós aqui preferimos um ambiente inteiro. Por isso construiremos uma estação rodoviária, com um ambiente familiar, onde pais de família poderão encontrar o ônibus que procuram sem maiores atropelamentos e na maior funcionalidade.

- Funcionalidade, o sr. quer dizer, não é?

- Isso aí.

- Mas, sr. Assessor, e a história?

- Que história? Você quer que eu conte uma?

Sei a do Chapéuzinho Vermelho, serve?

- Não, sr. Assessor. Refiro-me à História, com H. Maiúsculo.

- Aquela que a gente aprende na escola? Do

Joaquim Silva?. Sei, sei, Quer saber o que? La Pinta, la Niña y la Santa Maria? ou prefere Princesa Isabel?

- Sr. Assessor, não é nada disso. Dizem aí os da oposição que as figueiras eram um dos poucos testemunhos vivos da história da cidade, que elas abrigaram em sua sombra os bandeirantes que se aventuravam pelo...

- Ah, sei. Dizer a verdade, no dia em que o sr. Chefe mandou derrubar as árvores, a gente ouviu um zum-zum aí pela cidade que a gente não podia cortar porque elas contavam a história não sei do que.

Mandamos lá o Assessor 2, o Assessor 3 e o Assessor 4. Passaram três horas embaixo da figueira e não ouviram uma palavrinha sequer. Nada. O Assessor 3 ainda contou, depois, que perguntou algumas coisas baixinho a uma das árvores, mas ela nem a. Ele ainda disse que falou bem baixinho porque os transuentes iam pensar que ele estava doido de pedra, aí, abaixado, falando com uma árvore.

- Transeunte, o sr. quer dizer, não é, sr. Assessor?

- Isso aí. Mas pode escrever categoricamente aí no seu jornal: desmentimos pública e oficialmente que as árvores contassem qualquer história. Só se contavam há muito tempo atrás. Acho que agora ficaram mudas. Aliás, o sr. botanista nos avisou mesmo que elas estavam doentes. E com doente o que a gente faz? Mata, não é mesmo?

- Botânico, não é sr. Assessor? E não lhe parece um pouco estranho matar doentes, em vez de procurar curá-los?

- Sim, mas onde vai o amigo achar remédio

de árvore?

- Mas afinal, era mesmo necessária a derrubada das árvores?

- Necessaríssima. Onde o sr. acha que a gente ia colocar aqueles Scania e Mercedão? Em cima das árvores? Me faça um favor...

- Mas não haveria uma maneira de acomodar a estação rodoviária de maneira que ela pudesse conviver com as velhas árvores?

- O sr. é muito engraçado meu caro repórter, muito engraçado mesmo. Pelo que percebo, o sr. gostaria de colocar os guichês do Cometa e do Caprioli num galho de árvore. Mas que absurdo! Afinal vivemos na era espacial, o homem já foi à lua. Essa ansia de procurar novas fronteiras, novos horizontes, também é uma aspiração justa do povo de Jundiá, que quer ir a São Paulo, a Itatiba, a Bragança, a Amparo. E como ir até lá senão de ônibus? E onde colocar os ônibus senão numa estação rodoviária? E uma estação rodoviária senão na Praça das Bandeiras?

- Bem, poderiam ser as duas coisas ao mesmo tempo: uma estação, com as figueiras.

- Absurdo, absurdo. Os galhos iam atravancar tudo, ia entrar folha pela janela dos ônibus, ia ter que fazer manobras, atrapalhar tudo. Não é melhor um lindo onibusão Diesel do que uma velha árvore podre?

- Bem, o sr. teria algo a declarar para encerrar a entrevista, sr. Assessor?

- Vrrrrruuummm, Vrrrrruuummm, Vrrrrruuummm Carrinho/carrão/vou andar/ de Mercedão.

Sandro Vaia

Plantão



Morreu Hercule Poirot ("Cai o pano") e, não muito tempo depois, a sua criadora Agatha Christie - a escritora mais traduzida no mundo, depois de Shakespeare.

Poirot foi um personagem marcante: baixo, calvo, dono de um grande talento para descobrir criminosos - sem murros, golpes à la Kung Fu ou as peripécias de James Bond. Protótipo, talvez, do herói assim mesmo consta da literatura como um de seus grandes detetives.

O Poirot de Agatha Christie gostava muito de usar a expressão "pequenas células cinzentas" para significar "cérebro". Coincidentemente, tão parecido quando este Poirot belga, houve em São Paulo um detetive chamado Kurt, pertencente à antiga Delegacia de Homicídio, hoje Divisão de Crimes Contra a Pessoa DEIC.

Oportuno lembrar, talvez, que a polícia nunca teve lugar de honra nos romances de Agatha - subentendendo-se que ela considerava os agentes muito convencionais e pouco inteligentes para competir com o privilegiado cérebro - ou melhor, as privilegiadas células cinzentas de Poirot ou de Miss Marple.

O Poirot da ficção e o Kurt da realidade eram muito semelhantes: Kurt morreu do coração, relativamente Poirot também faleceu recentemente. Kurt foi há pouco tempo, um policial honesto e honrado, que sempre utilizou o cérebro para esclarecer homicídios tão misteriosos quanto os de Agatha. E muitos crimes forma esclarecidos por ele - sem ser necessário dar um grito, encostar a mão em quem quer que fosse.

No início do ano, almoçando em companhia de um delegado classe especial de São Paulo - um dos chamados cardeais de nossa Polícia ele me dizia, melancólico, que a ciência, a tecnologia e a inteligência ainda são pouco utilizados no combate ao crime. Não que sejam fatores considerados inúteis. Mas, sem dúvida, são fatores considerados desprezíveis por considerável parte do organismo policial.

Afinal, raciocina-se, se numa prensa ou durante um estarro pode-se obter informações, para que perder tempo com nhén-nhén-nhén?

O delegado, melancólico, confidenciou-me (como se eu não soubesse...) que muitos não justificam o título do cargo que possuem ("investigador").

Por que? Porque, na verdade, pouco ou nada investigam. Apenas se utilizam de certos métodos, alguns bastante "aprimorados", para procurar saber o que desejam. A inteligência, a sabedoria, a perspicácia - ficam de lado.

Por isso, Kurt deixa saudades. Pela sua inteligência, pela sua calma - pela sua astúcia, através das quais obteve muito mais resultados do que muitos truculentos por aí.

Os mistérios decifráveis apenas por Poirot ou Miss Marple nos romances de Agatha Christie são, de certa forma, bastante reais, todos os dias, na Grande São Paulo.

A antiga Delegacia de Homicídios, hoje Divisão de Crimes Contra a pessoa, mantém um plantão permanente, revezado através de várias equipes, exatamente para investigar crimes. Isto é, ficam à espera de que chegue a comunicação do encontro de um cadáver. Então, saem a campo.

Parte-se do nada. O local, o corpo, marcas de sangue - tiros, veneno, punhaladas.

Acontece todo dia em São Paulo. Todo dia. Mais saudoso do que Poirot, porque era real, Kurt deixa saudades. O que significa não existirem Poirots reais em nossa Polícia? Significa, em nossa cidade, a existência de mais de mil homicídios insolúveis. Casos nos arquivos, casos quase esquecidos ou que vamos esquecendo - os crimes de morte se repetem diariamente... e muitas vezes nem são considerados... - como dizer? - "notícia".

Então, aconselha-se aqueles que não conheceram Kurt a conhecerem Poirot. Desde o episódio Davi x Golias, provou-se que a inteligência sempre subrepujou a força bruta.

Percival de Souza

O PIS: uma fila de pensamentos

"O embrião do PIS está contido na Constituição de 1946, que já assegurava ao empregado a participação nos lucros da empresa".

"O PIS é um excelente programa que, com o tempo, atingirá seu objetivo: um maior equilíbrio social".

Essas duas declarações, publicadas no JORNAL DE 2a. da semana passada, foram feitas por Iaro de Mattos, gerente de Relações Industriais e Jurídicas da Ideal Standard e Benedito Rigolo, diretor comercial das Indústrias Francisco Pozzani, respectivamente.

As entrevistas desses dois esclarecidos dirigentes de empresas trouxeram muitos esclarecimentos sobre o Programa de Integração Social, um "projeto-impacto" que o Presidente Médici apresentou a todos os brasileiros, através de redes nacionais de rádio e televisão e de manchetes de todos os jornais do país, mas que, nem por isso, ficou totalmente claro, principalmente para os principais interessados no programa: os trabalhadores.

De qualquer modo, a partir do ano passado começaram a se formar filas diante dos estabelecimentos bancários e das Caixas Econômicas Federais, sempre que se anunciava o resultado do "projeto-impacto": vão ser pagos os rendimentos do PIS aos trabalhadores.



Geraldino Vieira de Toledo, que também mora na Vila Hortolândia, está aposentado há pouco tempo e vem retirar o total do seu PIS. Também não sabe quanto vai receber, mas "acho que é pouco". Por antecipação.

Embora também seja a segunda vez que recebe o PIS, o enfermeiro Gerson Bahy Abud ("com dois B", ele esclarece), morador da Vila Alvorada não sabe quanto vai receber nem o que fará com o dinheiro. Ele trabalha no Instituto de Psiquiatria, no Bairro da Gramma.

José Antonio Santos está nas mesmas condições de Arlindo: é a primeira vez que vai levantar o PIS, não sabe quanto receberá, mas veio da Vila Cristo só para isso.



Prensista, morador do Retiro, Antonio Augusto Prossi também é estreado na fila do PIS. Consequentemente, não sabe quanto vai receber.

Mesmo assim, faltou ao serviço supondo, naturalmente, que compense. Antonio tem 25 anos.

Alindo Piovani mora na Rua Bandeirante, faz sua estréia na fila do PIS e não sabe quanto vai receber. Mas concorda que um dinheiro a mais é bom, sempre.

"Sou beneficiário". Miguel Arcanjo Moreno, jovem também, vem receber o rendimento do PIS pela primeira vez e não sabe quanto será. Perguntado a respeito de onde está trabalhando, Miguel confirma: "Sou beneficiário". E explica: "Estou recebendo benefício do INPS.



Vai tentar receber o dinheiro total do PIS, "parece que eles pagam, quando é para casamento. Só que eu me casei em 1974, mas vou tentar receber o total. O que eu vou fazer com o dinheiro? Comprar o enxoval do nenê. Se der". Ela está grávida e sorri quando fala do enxoval do nenê.

Adão Ribeiro Gomes veio de São Paulo para receber o PIS. "É que eu trabalhava aqui em Jundiá e meu cadastro está aqui na Caixa Econômica". É a segunda vez que Adão recebe e desta vez será 300 cruzeiros. "Vou depositar esse dinheiro aqui mesmo, na Caixa".



Delza Aparecida Macedo Freitas, casada, tecelã, é uma mulher prática: aproveitou o fato de ter que "tirar um atestado médico" e veio receber o PIS. Não sabe quanto receberá mas sabe que comprará "coisas pra casa". Ela mora na Vila Hortolândia.

Rita Wanda é tece-lã, tem 16 anos e mora na Quinta das Videiras. É a primeira vez que vai receber o PIS e não sabe quanto será. Perguntada se ela faltou ao serviço para vir receber, responde calmamente: "Eu perdi hora do serviço e aproveitei pra vir até receber".

Dorival José Fontana trabalha em São Paulo. Na fila desde o início da manhã, perdeu o dia de serviço e não sabe quanto vai receber. Tampouco o que vem a ser o PIS. Pacientemente, espera a hora de descobrir.



positivos

Foi assim no começo deste ano de muita chuva e muito calor: filas enormes de trabalhadores, ao tempo, esperando a sua vez de receber um dinheiro sobre cujas origens eles conheciam pouco, ou quase nada, mas que eles queriam receber por ser um direito.

Quanto o trabalhador receberia? Que planos ele tenha para gastar esse dinheiro? Valeria a pena esperar na longa fila a vez de receber uma quantia nem sequer imaginada?

Foram essas perguntas que levaram o JORNAL DE 2a. a entrevistar uma

parte dos trabalhadores que se postaram, durante mais de hora, na Rua da Padroeira, perto da Caixa Econômica Federal.

Foi numa manhã de muito sol e de muito calor que a reportagem se aproximou de homens e mulheres pacatamente enfileirados para chegar o pensamento de trabalhadores a respeito do Programa de Integração Social.

Eram 9 horas da manhã de terça-feira, dia 13 de janeiro, quando os trabalhadores começaram a falar.



Desempregada, Benedita do Carmo Rossi ingora completamente quanto vai receber. Apenas sabe que existe dinheiro para ela e já que não tinha de ir na fábrica de móveis, onde trabalhava, resolveu ir receber. Além disso, não tem nem idéia do destino que vai dar à importância.

José Maria Neves sabe o que está fazendo, sabe quanto vai receber e sabe até o que vai fazer com o dinheiro: "Vou depositar os 300 cruzeiros em Caderneta de Poupança no nome dos meus filhos". José Maria mora na Ponte de São João e esta é a segunda vez que recebe os rendimentos do PIS.

"Estou faltando no serviço", diz Jair Messias, operador de máquina, residente em Terra Nova. "Não sei quanto vou receber, é a primeira vez que venho aqui. Eu acho que compensa".



"Eu estou encostado, não estou trabalhando". Ovalte trinca aparente 35 anos e está "encostado" no Inps. Veio do Jardim Danúbio para levantar o seu PIS pela primeira vez. Não sabe quanto é que vai receber, mas está firme na fila, tranquilo. "Sempre é um dinheirinho a mais, não?"

Um Senhor e três rapazes não querem dizer o nome, são Itu e não sabem nem o que é que vieram receber. "Somos tudo uma tropa só" fala o senhor, referindo-se aos companheiros, "não sabemos de nada, estamos por fora". Mas estão firmes na fila.



Isabela Cristina mora na Vila Progresso, é a primeira vez que entra na fila do PIS e não tem a mínima idéia do que vai receber.

Revelando a tranquilidade de uma veterana, a jovem Helenice Aparecida Dias, funcionária da Kanebo e residente na Vila Municipal, está na fila do PIS pela segunda vez e sabe exatamente quanto vai receber: 85 cruzeiros. "Na Kanebo eles já me disseram que era isso". Não faltou ao trabalho. "Estou de férias. Vou comprar roupa com esse dinheiro".

Já não é o caso de Edna Rosa Tonhola, também jovem, moradora da Agapeama, que está desempregada. Não sabe quanto vai receber, mas acha bom receber alguma coisa. É a primeira vez que enfrenta e fila do PIS.



Maria Luíza ("Com S", ela corrige a a anotação do repórter) é jovem e está na fila pela primeira vez. Não sabe quanto receberá. Maria Luíza (Com S) mora na Vila Progresso.

Fátima Ramos foi cadastrada em março de 1973 e veio de Várzea Paulista para receber um dinheiro que ela supõe pouco. "É que eu trabalhei só até 1974. Depois me casei. Por isso acho que vou receber pouca coisa".

"Eu prefiro não dizer meu nome nem sair na fotografia. É que eu estou faltando no serviço". Quem amistosamente pede que seja mantido no anonimato é um senhor de 50 anos, empregado da ... é melhor a gente não falar.

Ajude o Paulista a cometer loucuras



Quando o Paulista disputou o torneio quadrangular de dezembro, o comentarista da Rádio Difusora, Nelson Figueiredo Brito, observou - e bem - que, motivado, o time rende mais, mostra mais vontade. Agora, no início de uma nova temporada, o presidente Vanderlei Pires faz uma declaração um tanto perigosa, que pode causar um certo desânimo entre os jogadores. Diz ele que "não fizemos e nem pretendemos fazer loucuras", justificando o empréstimo de Bosco ao Londrina (o jogador teria pedido muito para continuar no Paulista e a diretoria resolveu emprestá-lo).

Primeiro, é preciso saber o que o presidente do Paulista entende por "loucura": pagar o que o jogador merece? Se o jogador é bom - caso de Bosco, que chegou a

ser pretendido por vários clubes durante o campeonato passado - pagar um bom salário a ele não seria loucura; seria, isto sim, um investimento, pois ninguém dirige um clube de futebol pensando apenas em participar do campeonato, e sim em fazer uma boa campanha. E só com o clube melhorando a cada jogo é que a torcida voltará ao estádio.

É claro que deve ser levado em consideração principalmente o problema financeiro: falta dinheiro para manter um bom time ou para trazer jogadores de experiência para cá? Aí, então, o presidente do Paulista deve ser franco enquanto há tempo de se fazer alguma coisa: ou tem o apoio da torcida ou deixa a presidência para quem gosta de aventuras arriscadas.

Esse apoio poderia ser conseguido, talvez, através das tão faladas campanhas - seja com a venda de carnês, como tem feito a Ponte Preta, seja com o aumento do número de sócio ou mesmo com a cobrança cobrança de pedágios pela cidade - fórmula um tanto antiquada mas que sempre dá algum resultado. Para isso, é claro, seria preciso que as emissoras e os jornais colaborassem espontaneamente, divulgando a necessidade de se formar um bom time para representar Jundiaí no próximo Campeonato da Divisão Especial.

Porque, se o Paulista começar o campeonato preocupado em manter uma equipe que não dê muita despesa - que é, atualmente, a única saída da diretoria - dificilmente os resultados serão bons - os campeonatos passados estão aí

para mostrar isso. Ao contrário, um time não muito caro mas com salários razoáveis pode atrair a torcida e, assim, ele próprio estaria em condições de aliviar a folha de pagamentos do clube.

Infelizmente, o primeiro passo para essa campanha já não pode ser dado: seria a doação, por parte da Prefeitura, dos 400 mil cruzeiros (ou mais?) que foram empregados na realização do torneio de dezembro, em comemoração ao aniversário da cidade.

Se houve algum lucro com a promoção, não deve ter sido o suficiente para resolver o problema do Paulista. E não se pode dizer que a divulgação do torneio em todo o País confessou os esforços: o jogo do Santos em Conceição do Coité também foi bastante divulgado.

Convidado que fui para fazer a página mais lida do jornal, opinando acertadamente sobre os jogos da loteria esportiva, esses "caras" que me requisitaram não publicaram o nome deste matemático na semana passada. Ainda não entendo o que esqueceram minha assinatura, já que sou um dos matemáticos mais conhecidos desta e de outras plagas.

Entretanto leitor, você tem sorte. Enquanto eu dou mais uma chance para esse jornalzinho, você terá a grande possibilidade de realizar seus sonhos de menino, como que esfregando a mão numa lâmpada de Aladim e ir vendo os desejos se materializando.

Para tanto, é só ler essa coluna. Boa Sorte. (você vai precisar bastante).

Jogo 1 - Portuguesa de Desportos X Palmeiras: Raviolis, lanchas e pizzas. Vinhos e bacalhoadas. Depois das festas e das férias, esse jogo vai ter somente meio tempo. Coluna do meio.

Jogo 2 - Guarani X Santos: A temperatura do estádio, no momento do jogo, vai ser de 28 graus, segundo o Tarcisio Verniz. Mas a torcida "bugrina" é barra pesada e poderá chegar a 32 graus. Sorte do time visitante, que já está acostumado com o calor. O feitiço vai virar contra. Coluna dois.

Jogo 3 - Botafogo X Marília: Supersticiosamente, o presidente do Botafogo contratou um agrimensor, que mediu a distância entre os dois estádios. Deu 243 quilômetros. Tirou os "9 fora" e resultou em 0. Azar dele. Entretanto, o outro presidente não sabe tirar os "9 fora" e pensa que vai ganhar de 24 a 3. Coluna dois.

Jogo 4 - América X Comercial: Os dois times aplicaram o famoso teste de Cooper durante as férias. Vai ser uma correria geral em campo, todos querendo baixar seus tempos nos treinos. Nada de gol. Afinal, é isso que os técnicos querem. Coluna do meio.

Jogo 5 - Rio Branco X Desportiva: Aqui é fácil. Exatamente aos 28 minutos do segundo tempo, o sol estará brilhando bem "na cara" do goleiro do Rio Branco. É só o Desportiva chutar nesse minuto para ganhar o jogo. Ainda por cima, o macumbeiro do Desportiva já descobrir o fato. Coluna dois.

Jogo 6 - Paissandu X Julio Cesar: O Julio Cesar ainda carrega o peso do nome. Sabe-se que o Paissandu vai recebê-lo em uma arena e não em campo, revivendo os tempos de Roma. Mesmo assim, as armas do Julio Cesar ainda estão mais afiadas. Coluna dois.

Jogo 7 - Ceará X Guarani FEC: Aqui está a grande sacada do matemático. Perguntei a duas lavadeiras sobre o jogo e me disseram que o Guarani vai perder. Mas, menos multiplicado por menos, resulta em mais, é vitória certa do Guarani. Os cálculos não falham. Coluna dois.

Jogo 8 - América e Alecrin: Não tem nada de ficar colocando o Alecrin antes do Carnaval, afinal "alecrin está chorando pelo amor da Colombina", ainda. Jogo sem discussão. Coluna um.

Jogo 9 - Atlético X Cruzeiro: Aplicando a teoria das inversas inversas inventada por este matemático, há grande probabilidade de haver alguma coisa entre vitória ou derrota para os dois times. Diz também a teoria que, possivelmente, o vencedor desse jogo será aquele que fizer mais gols, ou que chutar mais penaltis, ou ainda aquele que jogar na ofensiva. Ou qualquer coisa assim parecida ou diferente. Masleitores, a teoria não falha. Jogue Triplo.

Jogo 10 - Olaria X São Cristóvão: Teoria das relações paralelas e simétricas. Diz essa outra minha teoria que o Brasil existe 500 milhões de tijolos. Acontece que de santo possuímos 550 milhões, por incrível que pareça. A teoria não falha. Coluna dois.

Jogo 11 - Madureira X Bonsucesso: Questão de centro-avantes. O do Madureira calça chuteira 44; o do Bonsucesso somente 40 bico largo. Como quem chuta mais alto ganha o jogo. Coluna Um.

Jogo 12 - Portuguesa X Bangu: Bangu, Bangu, Bangu. Não que eu goste do time, mas o meu Bangu precisa ganhar. Afinal, a gente precisa começar o campeonato com o pé direito. Coluna dois. Coluna dois. Coluna dois.

Jogo 13 - Chapecoense X Internacional: Problemas. O Chapecoense inaugura seu estádio; segundo minhas teorias, deve perder. Acontece que o Internacional foi campeão e, de acordo com minhas teorias, terá a faixa carimbada. Na falta de outros cálculos mais precisos é isso o que acontecerá. Afinal, minhas teorias não falham. Coluna do meio.

Armand de Jesus

(Não esqueçam de assinar; preciso de divulgação)

TIRO LIVRE.

Sem gastar muito, o Botafogo conseguiu o goleiro Bessa, do juvenil do Garani. Há outros bons jogadores à disposição (para empréstimo): o lateral-direito Miranda (irmão daquele Miranda que jogou pelo Paulista) e o meia Jarbas (irmão do Flamarion, do próprio Guarani).

1

2

O jundiaense Gil está sendo muito elegiado no Palmeiras, mas chance, que é bom, não teve até agora: dizem que é para não "queimar" o rapaz. Bem que o preparador Maffia poderia sugerir seu empréstimo ao Paulista, ao menos durante este ano. (Gil é centro-avante).

3

Andam dizendo que Adair já abandonou o futebol e está trabalhando com o irmão, numa oficina mecânica de Araraquara. Não é bem assim: o contrato dele termina no fim do mês. Com o passe livre na mão, Adair viria correndo para o Paulista. Ele não falou mas dá para perceber: gosta muito de Jundiaí. É mão de obra (ou pé?) boa e barata para o próximo campeonato.

4

Tem muita gente boa disputando essa Taça São Paulo de Futebol Juvenil. E se o Paulista mandasse alguém para ver os meninos? Quem sabe algum deles aceite jogar um ano na Divisão Especial de São Paulo, em troca de cama, comida e uma ajudazinha de custo (de graça, nem relógio).

5

Consequências do apoio que o Paulista não vem recebendo: por falta de dinheiro, emprestou o goleiro Vaninho ao Operário de Campo Grande (o passe está estipulado em 300 mil cruzeiros). Como é que a diretoria podia cobrir os oito mil mensais que o Operário prometeu ao jogador?

FLORES PARA HUMANIZAR

As ruas de pedestres já vem acontecendo pelo mundo em quantidade e são muitos os exemplos notáveis. Em Copenhague - Dinamarca, há a mais longa rua de pedestres, com toda a sorte de comércio. Já em Rotterdam, na Holanda, existe o Lijmbam, que é o melhor centro comercial da Europa, todo para pedestres.

Em Nuremberg e Munique-Alemanha - os centros tradicionais foram integralmente transformados em ruas de pedestres, com muitos espaços com jardins, monumentos, etc.

Pode-se dizer que todos tiveram sucesso, mas é preciso mencionar que as medidas, em todos os casos, foram cercadas de outras providências que permitiram o êxito.

Estacionamentos em grande quantidade

(inclusive subterrâneos), sistema de transporte organizado e eficiente, organização de tráfego implicando no alargamento e remodelação de ruas circundantes, revisão da infraestrutura da via, dotando de instalações abaixo do nível do solo.

As experiências brasileiras mostram-se tímidas. Em Curitiba parece haver a melhor realizada, talvez por sido melhor projetada. Em Belo Horizonte a extensão da via é tão pequena que não chegou a interferir no tráfego, mas tampouco pode ser considerada representativa.

No nosso caso esperamos que a realização não fique apoiada em excesso de romantismo. Com tantos assessores técnicos, secretários e diretores que a Prefeitura dispõe, o mais plausível é que a medida seja cercada dos cuidados necessários para não vir a ser outra realização provisória.



Boulevard: mais técnica, menos romantismo

Está para ser implantado em Jundiá o "boulevard" ou em outras palavras o fechamento da rua Barão de Jundiá para "maior humanização da cidade, onde as pessoas possam andar mais livremente sem se preocupar com o trânsito".

Isto pode parecer uma boa mudança, mas examinando direito existe muitos contras: uma reclamação é dos lojistas, que acham que o comércio ficará prejudicado com essa medida, visto já as experiências feitas a tempos atrás, quando a Barão permanecia fechada aos sábados, mas numa conversa com o professor José Leme do Prado, presidente da Comutran, ele disse "convenci os lojistas contra adotarem essa idéia".

Segundo o que falou já está tudo definido e do dia 5 ao dia 8 começarão os preparativos pa-

ra mais essa experiência, que ele esperava ansioso por seus resultados positivos.

O boulevard para o professor, é uma velha luta de cinco anos de pregação através da imprensa, de uma necessidade de urbanização e humanização do centro da cidade, que deve viver em função do homem e aliás existe para isso, porque o automóvel em um determinado instante banuiu o homem da rua. "o boulevard tem o firme propósito de humanizar o centro, para que as famílias possam passear para que este se torne um ponto de encontro dos mais velhos, onde os namorados com suas vestes coloridas possam sentar nos bancos do boulevard, porque a nossa cidade, a partir das oito horas da noite, torna-se completamente vazia".

Em princípio esta obra ocupará desde a rua São José até a Telefônica

ou até a Siqueira de Moraes, podendo mais tarde se expandir até o quartel ou até onde acharem necessário.

"Nós estudamos todas as experiências feitas neste ramo e sobre a ocorrida em Bauru, eu quero esclarecer que lá as características foram diferentes, porque foi mal feito e não obedeceu regras, lá os interesses políticos superaram os interesses da comunidade. O necessário não é só tirar os automóveis da cidade, precisamos, como já disse, humanizá-la".

"Tudo que se tem planejado para este boulevard declarou Leme do Prado é baseado em outras experiências já realizadas; estão sendo procurados subsídios para fazer o melhor possível e para isto consultaremos todos os leigos e arquitetos no assunto. "Quero lembrar também que estou recebendo a mais ampla colaboração da prefeitura, o que é para mim uma

grande alegria, porque a idéia foi minha e a luta até agora tem sido minha."

"Com a interrupção da Barão, posso assegurar-lhes que não haverá nenhum colapso - disse o professor Prado quanto aos estacionamentos, nós os aumentaremos e além disso as transversais continuarão normalmente. Praticamente não custará nada para o povo, nem para a prefeitura, posteriormente, se resolvermos melhorar ou aumentar este boulevard, custará algo, assim mesmo muito pouco".

"Para encerrar - falou o presidente da Comutran - queria felicitar o jornal pelos interesses que demonstrou pela comunidade e pela divulgação de boulevard, que pretende somente devolver a cidade ao homem, criando na nossa terra o início de uma nova era, com muito amor e muita flor pelos caminhos".



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

boutique

Bymboka

rotário 463

fone 42833

Célia

Fala Amendoeira



Fala Amendoeira, uma seleção de crônicas do poeta e prosador Carlos Drummond de Andrade, publicado pela primeira vez em 1957, surge, agora, em sua 6ª edição, posto à venda pela Editora José Olímpio.

C.D.A., que, há quase quarenta anos, reside no bairro de Copacabana, Rio, onde muitas de suas ruas são arborizadas com amendoeiras, gosta muito dessas árvores, tendo, numa bela manhã carioca, puxado conversa com uma delas, exatamente à que fica bem à frente de sua casa. A amendoeira, é claro, falou...!!! Aliás, não é pré gente admirar tanto, pois que eu saiba - pelo menos eu, nunca ouvi dizer - as amendoeiras não são loucas.

Loucura, e das grandes, é deixar de comprar e ler o Fala

Amendoeira do poeta-cronista Carlos Drummond de Andrade, que, escrito em linguagem fácil e apurada, estabelece comunicação imediata com o leitor.

De um episódio mínimo do cotidiano, Drummond, em crônicas que reúnem sátira, ternura, psicologia, crítica e poesia, consegue tirar a lição de viver em harmonia com a vida.

Suas crônicas, por vezes, parecem contos. Neste Fala Amendoeira, principalmente, além de tudo isso, há ainda outras surpresas felicíssimas, o que faz desse livro uma leitura fascinante, tanto para os jovens, como para os da média e velh guarda.

Se o maior poeta brasileiro fala é uma amendoeira, permita que ele fale à você também.

Leão de Chácara



João Antonio, paulistano que, graças ao seu livro Malagueta, Perú e Bacanaço, tornou-se escritor antológico e internacionalmente famoso - tendo sido traduzido em vários países, onde a crítica é unânime em não lhe poupar toda a sorte de elogios - está com uma nova edição que traz de volta o seu Leão de Chácara, um volume de 105 páginas, onde, pelo preço de Cr\$ 25,00, a Civilização Brasileira oferece ao público uma das mais primorosas coletâneas de contos dos últimos tempos.

O título do livro (O Leão de Chácara), é o mesmo do mais brilhante conto inserido, com muitos outros, nesse volume de João Antonio, nome literário e jornalístico do autor João Antonio Ferreira Filho.

Com a mesma força com que, em todas as outras histórias, o autor mergulha na vida e na alma da arraia-miúda que vive (ou sobrevive?) nos ambientes mais sórdidos e miseráveis das grandes cidades, no conto Leão de Chácara (vencedor do Prêmio Paraná), João Antonio analisa a clássica figura do porteiro de cabaré das grandes metrópoles.

Voce tem que ler esse livro, seja lá como for.

Recorte & Guarde

Noel Rosa
(1.910 - 1.937)

Compositor, violinista, cantor e compositor de música popular brasileiro, Noel Rosa, cujo nome completo é Noel de Medeiros Rosa, nasceu no Rio de Janeiro, na Rua Teodoro Silva, n.º 130, no bairro de Vila Isabel, local que se tornaria um reduto do samba urbano carioca. Noel Rosa é autor de quase 200 sambas, gênero em que se afirma uma das personalidades mais marcantes da música popular brasileira, pelo conteúdo poético, lírico, humorístico e satírico de suas obras. Alguns de seus sambas são antológicos são auto-biográficos, e, retratam com espantosa facilidade, autênticos flagrantemente da via carioca. É verdadeiramente admirável a sua riqueza melódica, poética, humorística e satírica. Em 1929, quando cursava a Faculdade de Medicina, era integrante do conjunto "Bando dos Tangarás", juntamente com Almirante, João de Barro, Alvinho e Henrique Brito, Foi a época em que apareceu o seu primeiro grande sucesso, o samba "Com que Roupa". Em 1932, começa sua parceria com Oswaldo Gogliano, de onde surgiram dez sambas, entre os quais, "Conversa de Botequim", "Feitiço da Fila", "Feitiço de Coração", etc. Além de "Até Amarela", "Cor de Cinza", "Fita 'Eu sei Sofrer'", "Último Desejo" e "Dama de Cabaré", Nel Rosa compôs outra série de sucessos, de parceria com os melhores compositores da época: "O Orvalho Vem Caindo", com Kid Pepe; "Pierrô Apaixonado", com Heitor dos Prazeres; "Triste Cuíca", com Hervê Clodovil; "Linda Pequena", com João de Barro; "Ando Cismado", com Ismael Silva; e "Uma Jura que Eu Fiz", novamente com Ismael Silva.

Data de 1935, sua polêmica musical com Wilson Baptista, da qual resultaram os melhores sambas de Rosa.

Noel Rosa atuou em diversas emissoras radiofônicas, iniciando na Rádio Philips (1932). Excursionou pelo interior do Brasil, falecendo aos 27 anos, na mesma casa onde nasceu e sempre morou.

Deixou obras de grande sucesso é considerado pela crítica mais autorizada como uma das figuras mais marcantes na história e evolução da música popular brasileira, de todos os tempos.

Pufs!

Criméia foi uma líder bolchevique que se notabilizou por sua crueldade.

Lacustre, célebre, costureiro francês, inventou a anágua.

Subreptício é uma espécie de cobra, invisível a olho nu.

Honduras são pequenas marolas comuns no mar do Caribe.

Notívago é um show de boate, assistido por um número ínfimo de pessoas.

Melífluu foi um cabo-de-guerra macedônio que tratava a tropa com muito amor.

Arenque é a conversa fiada entre peixes da mesma espécie.

Carraspana foi um cruel guerreiro normando que vivia bêbado.

Moleira é o cansaço que se apodera das criancinhas, depois de amamentadas.

Peroba é uma espécie de machado de lenhador, que corta de ambos os lados.

Ato condicionado é um artigo constitucional que obriga os deputados a baterem palmas, sempre que soa uma campanha.

Munheca é um delicioso prato baiano, temperado no tapa.

Corifeu é uma antiga construção grega, onde dormiam os senadores.

Bimestral é o nome dado às mulheres que têm excesso de saúde.

Alcaparra é uma faca usada pelos árabes para cortar saladas.

Menopausa é a figura musical que indica o "gran finale" das óperas.

Cochabamba é o nome dado pelo bolivianos à celulite.

Santo Sepulcro é o padroeiro dos coveiros.

Jurubeba é um peixinho que ataca o fígado dos inimigos.

Diatrize é uma espécie de feriado nacional entre os índios.

Fimose é a nota musical que fica na extremidade do pentagrama.

Geriatras são velhinhos que, depois dos oitenta anos, começam a tomar atitudes suspeitas, tais como: falar fino, gesticular muito, etc.

Cloaca é um sapinho que fede muito, quando abre a boquinha.

Zarteu

"Off sides" internacionais

Confesso que passei os últimos quinze dias em pleno ócio. Provando comida mexicana, dormindo, bebendo scotch, vinho espanhol, assistindo futebol, jogando tênis e lendo, tudo isso com hóspede de Alceu Rossi em Monterrey (além de meu cunhado, ele é preparador físico do Monterrey Futbol A.C. - grande passo para quem era preparador do Paulista em Jundiaí, não?)

Justamente nessas duas semanas de ócio concluí que aquele ditado "quem não tem competência não se estabelece" é cada vez mais verdadeiro. E que se alguém consegue estabelecer-se apesar da incompetência, corre o risco de acabar no mais cáustico dos ridículos. Aconteceu com Nero, Nixon. Acontece com Ibis? No México, descobri que acontece com Echeverria. De volta a Nova York, descobri que acontece com Ford.

No México, Luiz Echeverria (para leitores não esclarecidos: trata-se do presidente da república) já é uma figura do folclore popular personagem de centenas de piadas, algumas das quais eu ouvi. Uma das mais conhecidas é sobre sua viagem à China, onde teve de assistir, junto com sua mulher (Ester Zuno Echeverria) a um balé político. Sem entender nada, a esposa do presidente adormeceu. Ao final do

espetáculo, Echeverria disse a Mao Tse Tung:

— Muito bonito o balé, senhor primeiro ministro. E a cortesia dos bailarinos foi admirável: todos dançaram na pontinha dos pés para não acordarem a minha mulher!

E segundo o folclore, Echeverria teria passado outro vexame no Vaticano, quando batia às portas da residência de Paulo VI procurando por ser cunhado:

— Mas é aqui que ele mora, eu sei. Ou não é esta a casa do Zuno Pontífice?

— Quem mora aqui é o Sumo Pontífice, excelência - respondeu um dos guardas no portão

Há mais uma que envolve o Vaticano: meses atrás, o time "Cardiais", de futebol americano, ganhou um campeonato nos Estados Unidos. No dia seguinte, Echeverria teria mandado um telegrama ao Papa felicitando-o pela vitória.

Mas há uma que mostra a amargura do povo mexicano em relação a seu atual presidente. Discursando do alto de umas cadaveria ponderado com um assessor:

— Se eu jogar um Peso para a multidão, vou fazer um mexicano feliz, não?

— Com certeza, excelência - respondeu o assessor.

— Se eu jogar vinte pesos então farei vinte mexicanos felizes - concluiu o Presidente, ao que o assessor acrescentou:

— Garanto que se o senhor se jogar daqui esta multidão ficará muito feliz.

Os mexicanos têm centenas de motivos para não se sentirem bem com seu atual presidente: a reforma agrária falhou, há corrupção em muitas áreas do governo (especialmente nas polícias) e boa parte da população ainda come somente tortilhas (uma espécie de panqueca feita de milho) e feijão.

Já com Gerald Ford, as piadas são criadas principalmente a partir de atos políticos discutíveis e acontecimentos acidentais. Conta-se, por exemplo, que ele só

decidiu fazer um empréstimo federal à prefeitura de Nova York (quase falida em fins de 75) porque lembrou-se do grande black-out - um dia, anos atrás, quando toda a cidade ficou sem energia elétrica. Nesse dia, Ford teria ficado preso seis horas numa escada rolante.

Os atentados contra sua vida também es-

timularam o aparecimento de piadas. Por exemplo: no almoço em que se comemorava o Dia da Salada de Atum na Casa Branca, ele sem querer espetou a mão esquerda com o garfo. Imediatamente, agentes do serviço secreto lançaram-se ao garfo e lutaram com ele no chão até dominá-lo.

Sobre essa piada, há variações. Uma delas por causa do acidente que sua limusine sofreu em Connecticut: foi batida por um táxi Buick. Conta-se que os agentes também lutaram com o Buick até dominá-lo. Quando o presidente colocou a cabeça para fora do carro para ver o que se passava, bateu com o polegar direito num olho. O polegar também foi imediatamente dominado pelos agentes de segurança, e detido para investigações.

PAULO BRITO

(De Nova York, especial para o Jornal de 2a.)

N. da R: Paulo Brito, correspondente do Jornal da Tarde nos Estados Unidos, começou sua carreira jornalística em Jundiaí, no Jornal da Cidade, na época de seu lançamento. Trabalhou depois na revista Quatro Rodas e no Jornal da Tarde, de onde saiu para residir em Nova York. Passará a colaborar também com o Jornal de 2a.

Os bons imóveis estão aqui

Casas à venda

Assobradada - Rua Bela Vista
Muito bem conservada, contendo abrigo p/ carro grande, cozinha com armário embutido, 2 dormitórios grandes, dependências de empregada, quintal. Cr\$ 270.000,00 à vista. Quem oferece é **Recreolar**.

Vianelo
Contendo 3 dormitórios, todos com armários embutidos, 2 banheiros completos, sala, copa, cozinha, garagem. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Vila Liberdade - Cr\$ 560.000,00
Estilo colonial, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suite), sala em "L", copa-cozinha com armário embutido, WC com lavabo, dependência de empregada completa, abrigo para 2 carros, lavanderia, jardim. Pode ser financiada. (C-12). Oferta: **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana - Cr\$ 1.200.000,00
Com 3 dormitórios (1 suite), living em "L" com lareira, lavabo, 2 WC, terraço de 35 m², escritório, 1 apto. para hóspedes, lavanderia, dependência de empregada, canil, churrasqueira, piscina infantil, abrigo para 2 carros. (C-8). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Avenida Dr. Cavalcanti
Ótimo ponto, contendo jardim, abrigo, sala, 2 dormitórios, cozinha, banheiro, despejo e quintal. Cr\$ 320.000,00 à vista. A oferta é de **Recreolar**.

Casas Apartamentos para alugar

Vianelo
Residência contendo 3 dormitórios com armários embutidos, 2 banheiros, completos, sala, copa, cozinha e garagem. Oferta: **A.G. Imóveis**

Chácaras à venda

Rodovia Jundiaí-Itatiba - Para formação
Diversas áreas planas, com matas, em ótimo local para formação de chácaras de recreio. Áreas a partir de 5.000 m², Cr\$ 15,00 o metro, à vista. Estuda-se preço facilitado. Quem oferece é **Recreolar**.

Anhangabaú - Cr\$ 450.000,00
Casa nova, com 3 dormitórios (1 suite), sala grande, copa-cozinha, WC, lavanderia, abrigo para 2 carros, terraço. Pode ser financiada. (C-4). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana - Cr\$ 1.000.000,00
Fase final de acabamento, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suite), 1 Apto. para hóspede, sala social, sala de jantar, 2 WC com lavabo (1 social), dependência de empregada, despejo, lavanderia com armários, garagem para 2 carros. (C-20). Uma oferta **Scarance e Souza**.

Jardim Cica - Cr\$ 480.000,00
3 dormitórios com armários embutidos, sala grande, cozinha, WC, dependência de empregada e garagem. (C-9). Outra oferta **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana
Fina residência, com 3 dormitórios, com armários embutidos, e demais dependências. Quem oferece é **A.G. Imóveis**

Jardim Brasil - Cr\$ 1.100.000,00
Magnífica residência no asfalto, com 3 dormitórios (1 suite), mais quarto de vestir, 2 salas, solar terraço, WC, garagem para 3 carros, dependência de empregada e despejo. (C-17). A oferta é **Scarance e Souza**.

Dois apartamentos, no Centro, com 2 e 3 dormitórios e todas as dependências. Um dos apartamentos com garagem. Boa oferta de **A.G. Imóveis**.

Rodovia Jundiaí-Itu - Para recreio
Excelente área de 6.400 m², vista panorâmica, mata formando lindo bosque com madeiras de lei. Ideal para descanso e recreação, junto a boas propriedades rurais. Cr\$ 15,00 o m², à vista. Uma oferta de **Recreolar**.

Os corretores estão aqui

Scarance e Souza

Imobiliária e Administração
Rua Vigário, 174
Fones 4.1108-6.6136

Recreolar
Av. Jundiaí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

A.G. Imóveis

Rua Senador Fonseca, 1.303
Fone 6.7638

passagens aéreas e excursões

informe-se com seu Agente de Viagens

ABITE
TURISMO

Rua do Rosário, 585
Fones: 6.1530 e 4.3922

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR
7000 100
FONES 4.0229 - 6.5086

NOVIDADES

Charme
CALÇADOS
ROSARIO.626

CONCERTOS DE TV, RÁDIOS E TAPES ELETRÔNICA ANZOLIN

rua marechal 533
telefone: 6.7683

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO
ROSARIO. 523 - FONE 6.3795

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4.3899

JUNDIAÍ-SP

Escritório de Advocacia

dr. ademécio lourenço
dr. alcimar a. de almeida
dr. francisco v. rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

PALAVRAS.

"O hebdomadário dos quercistas está publicando as glórias do Paulista F.C., desde a fundação do clube. No último número, atingiu-se o ano de 1922. Mais cinquenta anos de glórias e a gestão do dep. Maltoni terá que ser focalizada. Vão mudar o curso da História ou responsabilizar o deputado-quercista pela página negra?" ("Cândido de Castella", seção "Chalaça", Jornal da Cidade de 11/1/76)

"Bem que gostaria de naturalizar-me brasileiro. Mas o preço para isso é alto demais: eu deixaria de ser chileno". (Figueroa, zagueiro-central do Internacional de Porto Alegre)

"O problema da Praça da Bandeira é simples: as duas figueiras foram derrubadas e outras árvores estão sendo plantadas, tudo dentro do interesse da cidade e do seu progresso incontestante". ("Don Casmurro", Jornal da Cidade)

"Estivemos na vila Aparecida para ver se conse-

guíamos um lugar para morar. Dizem que lá é só arrumar a madeira e levantar um barraco, em qualquer lugar. (...) E olha, lá tem gente que está bem de vida: tem até barraco com televisão e tudo". (Joana Paulina do Nascimento, Jornal da Cidade de 9/1/76.)

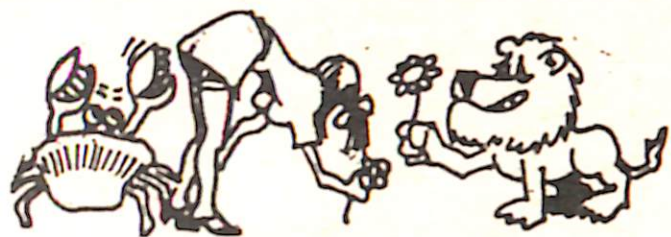
"Na minha opinião, não existem vereadores subservientes. Pode ser que existam vereadores que acompanhem a totalidade dos projetos oriundos do Executivo, favoravelmente. Mas não aceitamos, absolutamente, que sejam, esses vereadores, subservientes". (Adoniro José Moreira, seção Chalaça, JC de 11/1/76; Adoniro é vereador)

"Acontece que suas pretensões salariais eram muito altas, e o Paulista não iria abrir um precedente, fugindo de suas possibilidades. Não fizemos, nem pretendemos fazer loucuras". (Vanderlei Pires, presidente do Paulista F.C., sobre o empréstimo do jogador Bosco ao Londrina)

"O sr. prefeito pendurou-os todos em cargos ociosos, criando, dessarte, uma confraria de adula-dores à borda do coxo. Daí o entender-se que o sr. prefeito precisa conscientizar-se de que o dinheiro carregado pelo contribuinte aos cofres da Prefeitura não está destinado, nem mesmo em parte, aos brôn-dios de confraternização. Como toda gente sabe e proclama, deve ser aplicado em obras públicas de caráter prioritário, o que não vem acontecendo". (Élcio Vargas, Jornal de 2a., semana de 12 a 18/1/76).

"Meu amigo, chefe, curtição total que é o advogado e empresário Tobias Muzaiel, aniversariou terça última e hoje mandamos, na melhor, aquele abraço com muito carinho. Foi a semana do nosso chefe e a gente vai em frente". (João Carlos Lopes, Jornal de Jundiá de 11/1/76)

"Há momentos na vida de um jornal que seriam bem melhores se passassem em branco". (Jornal da Cidade, anúncio de campanha de assinaturas)



HORÓSCOPO



Áries (21/3 a 20/4)

Junte 500, 1000 carneirinhos iguais a você a fique diante da prefeitura entoando aquela musiquinha que fala do ver de das nossas matas e tal. Cuidado apenas com os caminhos da Gutierrez.

Touro (21/4 a 20/5)

Sua carreira sempre esteve muito ligada à arena. Pois, meu filho, tirando aquelas notícias encomendadas, seu habitat vai mal, muito mal mesmo.

Gêmeos (21/6 a 21/7)

Vocês formam um

lindo par. As figueiras formavam um lindo par. Cuidado com os fora-de-lei, maninhos.

Câncer (21/6 a 21/7)

Do seu signo, existem benignos e malignos. Os malignos andam comendo solto, por aí: árvores, áreas verdes, serra do Japi. Não permita que te chamem de progresso.

Leão (22/7 a 22/8)

Urre mais alto. Ou pelo menos, urre no ouvido de certos, paladinos vido de certos, paladino da coragem, que não andam ouvindo bem...o que devem ouvir.

Virgem (23/8 a 22/9)

Fale com a Gutierrez. Eles topam essas coisas. Felicidade, filha.

Balança (23/9 a 22/10)

Avisa aquela mocinha que segura você pra ela abrir os olhos. Um pouquinho só. Tá acontecendo cada coisa!

Escorpião (23/10 a 11/11)

Evite abrigar-se em buracos feitos pela Telesp. Eles são fora da lei. Epa, eu disse fora da lei? ??

Sagitário (22/11 a 21/12)

Pare de se queixar do DAE. Pare de se queixar dos impostos. Pare de se queixar do DAE. Pare de chorar pelas figueiras. Pare de falar da Serra do Japi. Afinal, você vai ter um boulevard, meu quadrupede-zinho.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

É, bodão, do jeito como andam as coisas você via ter que aprender a comer flores. A

Rua Barão será um prato cheio...pra quem gosta, evidentemente.

Aquário (21/1 a 19/2)

Evite viagens, mesmo que sejam pela Excelsior: as figueiras viajaram...para sempre. Tente a Eldorado, aquela voz macia, coisas pelo estilo.

Peixes (20/2 a 20/3)

Aproveite essa linda boquinha abrindo e fechando e diga alguma coisa que preste. Contra, porque a favor tá assim de gente falando...

Profa. Zuleika

Do Guido

RESTAURANTE
Wyskeria

Carnes - "Santa Gertrudes"

Chopp - Claro e Escuro

Aguarda a sua visita

Rosário, 670 - fone 4-3201

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS

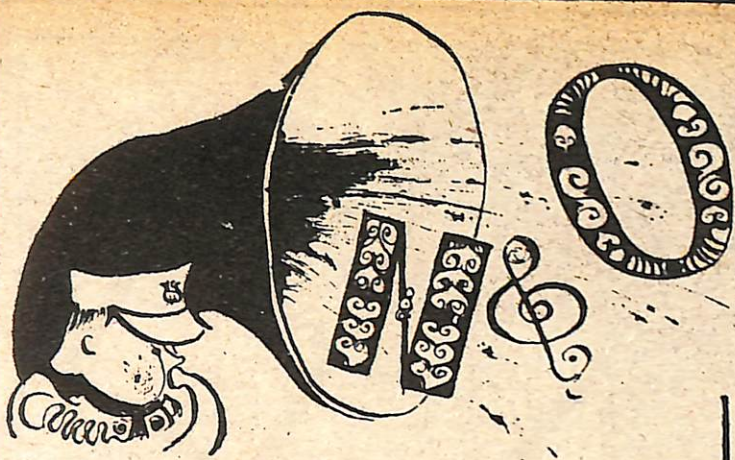
HIDROTECNICA
projetos e execuções
rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

67 ANOS 75



CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8º andar - conjunto 801 - C

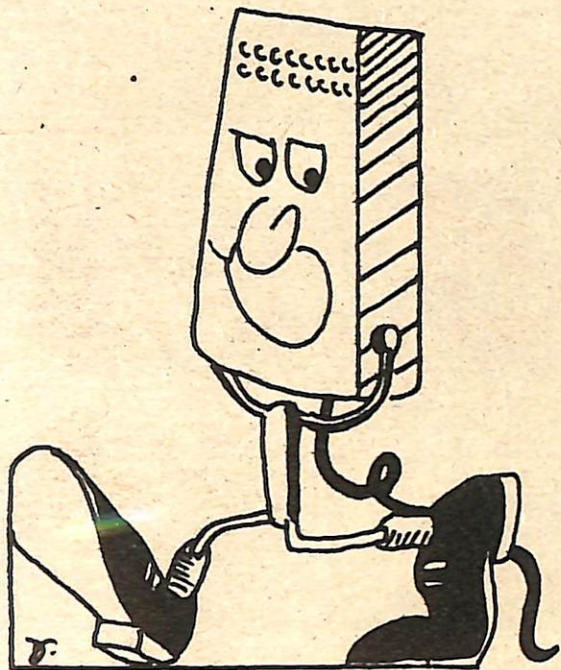


FINA FLOR

A Sociedade Jundiaense de Orquidófilos inaugurou sua XVIII Exposição de Orquídeas, que era feita juntamente com a Festa da Uva local, no Parque Comendador Carbonari. Pela primeira vez, a entidade, isolada, promoveu a mostra, que teve também um concu-

so para aqueles que trouxeram mais exemplares, as espécies mais raras e conseguiram maior número de pontos. Quem gosta de orquídeas, pode apreciá-las no primeiro pavilhão do parque, ou comprar no segundo. Há também outras plantas ornamentais a venda.

NO AR, MAIS JUNDIAÍ



Jundiaí, que já é conhecida por seu maior índice de jornalistas per capita, está a caminho de outro título: pode conseguir também o de maior índice de radialistas per capita. Por enquanto, porém, ainda está no começo.

Primeiro, foi Geraldo Barreto quem resolveu ir para a Capital, atendendo a insistentes pedidos (dizem os maldosos que os pedidos eram de gente da Difusora, onde ele trabalhava), e hoje é titular na Jovem Pan; agora é a vez de César Foffá, que logo de cara ganhou uma camisa de titular na Pan - não é a dez mas ele ainda pode chegar lá (é só não se esquecer das criancinhas).

Segundo notícias não confirmadas até o momento em que redigíamos estas linhas, Cesar faz a "Hora da Verdade" diariamente, às 18 horas - está sendo massageado para entrar no "Show de Rádio", do Sangirardi, talvez imitando a "noninha". Quanto a Barreto, que em Araraquara já era decano do radialismo interiorano, também faz noticiário na Pan, mas seu forte é a locução comercial. É tão parecido com Frank Sinatra que, quando o cantor sai às ruas, nos Estados Unidos, é logo confundido com o Barretão. (A.F.)

ESTARÁ O PROFESSOR CONTRA AS FIGUEIRAS?

No número passado deste jornaleco de sete léguas, houve duas alusões ao professor Adeline Brandão editorialista do Jornal da Cidade, que me pareceram injustas. Por isso, quero dar um palpite: segundo todas as regras jornalísticas, o editorial de um jornal representa a opinião do jornal, de sua direção, e não do editorialista. Este é apenas um redator especializado, um artesão, um profissional que aluga a sua força de trabalho como qualquer outro profissional. É uma figura anônima, impessoal, e

RESPEITANDO A LEI

Em Pirassununga a Câmara Municipal negou autorização para um empréstimo no valor de 10 milhões de cruzeiros junto ao Banco do Brasil, a ser pago em 10 anos, com a finalidade de construir uma avenida marginal. A posição da Câmara sustentou-se em resolução do Senado que limita a capacidade de endividamento dos municípios.

Pirassununga é uma cidade aqui do Estado de S. Paulo, não muito longe desta Jundiaí onde se fez uma avenida marginal desnecessária e cujo preço ninguém conhece, mas que o empréstimo autorizado foi de 120 milhões. E as instituições de crédito, não conhecem aquelas disposições do Senado?

REGISTRO

Enviamos as nossas felicitações às jovens Ana Maria Geraldini e Eliana Torricelli que concluíram com distinção os cursos de licenciatura e bacharelado em Biologia e especialização em Ecologia e Bioquímica aplicada respectivamente. Os cursos foram realizados nas Faculdades Brito, de Guarulhos.

cujas opiniões particulares nem sempre precisam coincidir com a opinião do dono do jornal. Assim como o publicitário que redige um anúncio dizendo que Omo lava mais branco não está necessariamente comprometido com essa afirmativa.

Posso estar enganado, mas não acredito que na questão das figueiras o professor Brandão pense aquilo que escreveu. Um editorialista pensa aquilo que lhe mandam pensar. É seu ofício. Por isso mesmo o editorial não é assinado.

Sandro Vaia

FESTA NA CHUVA

A Festa da Uva de Itupeva encerrou-se no último domingo. Inaugurada no dia 10 pelo ex-governador Laudo Natel, não teve muita sorte, pois a chuva, que caía na ocasião, continuou até no domingo. Mas, neste final de semana, com o sol forte, muitos turistas aproveitaram para visitar a promoção. Para quem não sabe, Itupeva é a segunda maior produtora de uvas de mesa do Estado.



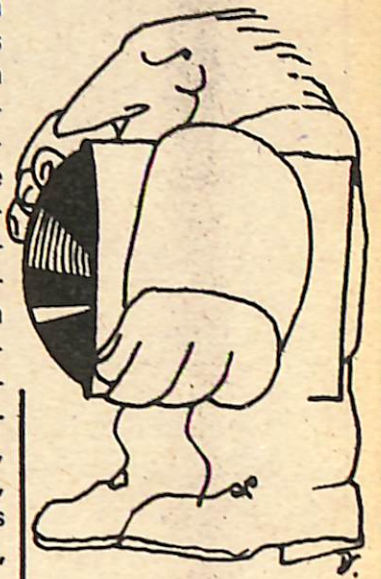
O "PASQUIM" ESTÁ DANDO

Ivan Lessa, numa "Dica" do "Pasquim", é claro e conciso: "O rock emburrece".

Cartas para a redação. Do "Pasquim". (E.M.)

É DE MARCUS PEREIRA. PODE COMPRAR.

A Marcus Pereira continua lançando coisas boas na praça. Agora, ela desfila em frente ao nosso palanque com três excelentes LPS da série "Temas", reunindo músicas brasileiras sobre vários motivos de inspirações. Os motivos foram separados em três capítulos para cada LP, a saber: fim de caso, Reconciliação e solidariedade, no disco um, rotina, boemia e solidão, nos dois, e começo de vida, amor proibido e resignação, no três.



Vejam se esta seleção não merece ao menos uma medalhinha de bronze: disco um - "Conselho" (Denis Brean e Osvaldo Guilherme), "Tudo Acabado" (J. Piedade e Osvaldo), "Risque" (Ary Barroso), "Serenata do Adeus" (Vinicius), "Fim de caso" (Dolores Duran), "Aperito de Mão" (Augusto Mesquita), "Para um Velho Amigo Meu" (Eduardo Gudim e Paulo Cesar P Pinheiro), "Antonico" (Ismael Silva), "Amigo é pra Essas Coisas" (S. Júnior e Aldir Blanc), "Zelão" (Sérgio Ricardo) e "Gente Humilde" (Chico Buarque e Garoto); disco dois - "Cotidiano" (Chi-

co), "Comprimido" (Paulinho da Viola), "Movimento dos Barcos" (Macalé), "Pois é, pra que" (Sidney Miller), "Camisa Listrada" (Assis Valente), "Samba de Madrugada" (Dora Lopes-Carminha Mascarenhas), "Meu Amor, Meu Namorado" (Renato Teixeira), "A V Volta do Boêmio" (Adelino Moreira), "Se eu Morresse Amanhã de Manhã" (Antonio Maria) e outras menos (mas bem votadas).

Como? Se algum galã de novela canta nesses discos? Não, meu rapaz, mas os cantores são bons: Yvette e Eduardo Conde. Se é fácil encontrar esses discos em Jundiaí? Olha...

CINE. E POR QUE

NÃO TEATRO?

Sobre o Cine Vila Arens na apresentação dia 11 do Corpo de Baile Municipal do Rio de Janeiro, público e artistas manifestaram-se dizendo que o local presta-se bem a teatro.

Como é que a Prefeitura não cogitou daquele prédio quando pensou em dotar a cidade de um teatro municipal?

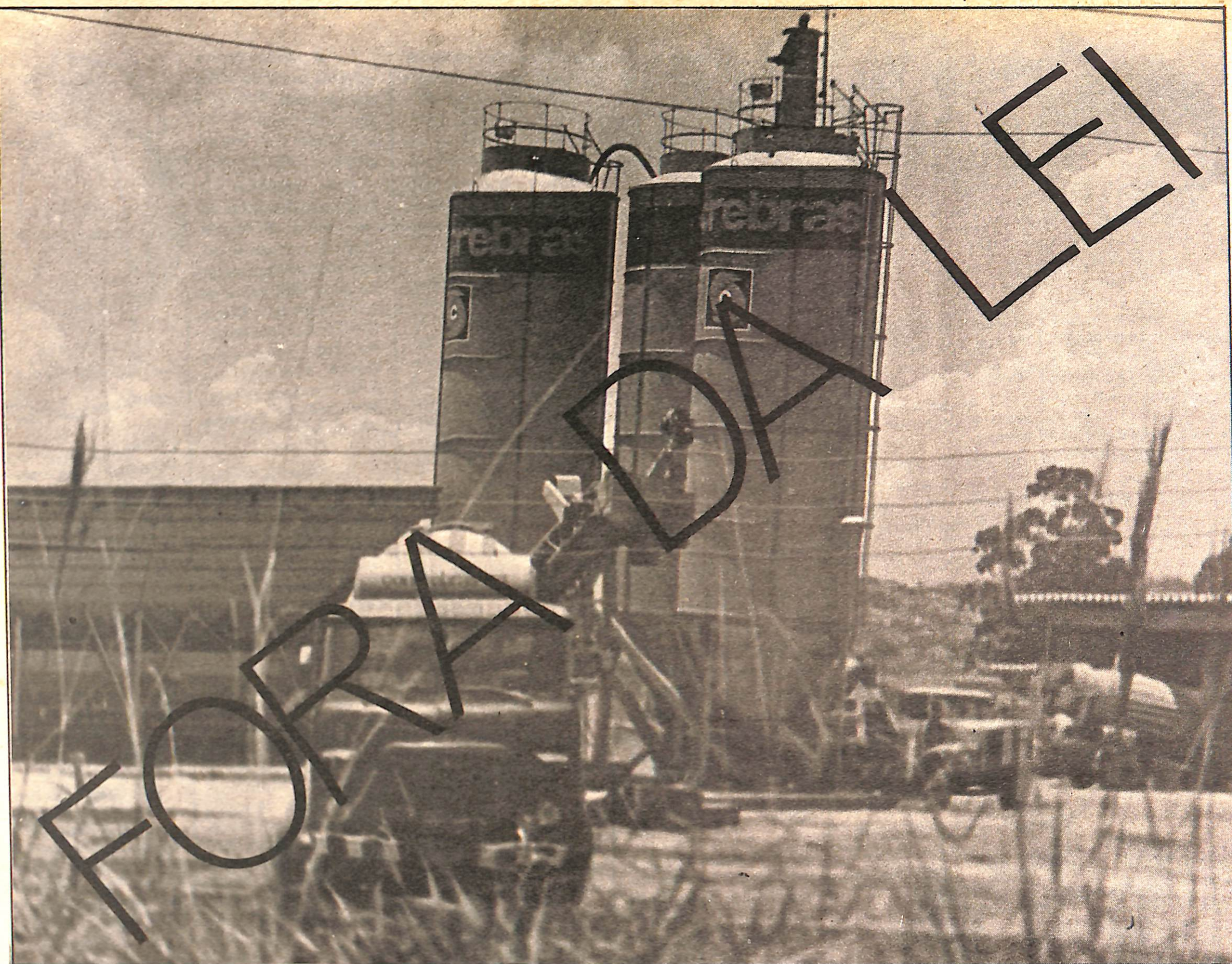
Decretou-se o Politeama de "utilidade pública", como todos sabem, ser prédio e terreno inadequados a teatro pa-

ra uma cidade como Jundiaí (200.00 mil habitantes). Essa medida foi tão impensada e inconsistente que nada mais ocorreu, ou seja, a desapropriação não se consumou.

O Cine Vila Arens, em meio à uma praça pública, poderia ser muito melhor solução.

Num único espetáculo constatou-se esse fato. A Prefeitura com seus muitos assessores não conseguiu notar isso? Só eles.

Tapeçaria Brasil Rua Torres Neves, 224		Tabacaria e Artigos de Umbanda São Geraldo Rua Senador Fohseca, 1059		Escritório Comercial Leonel Rua Vigário JJ Rodrigues, 126 Fone, 6-1541		João Augusto Siqueira Pupo Consultor Jurídico Praça Gov. Pedro de Toledo, 24 Conjunto 22-23 Fone: 4-2340	
Patinha's Bar Esquina da Torres Neves com Prudente Aberto até duas da manhã - Fone: 4-0662		Floricultura Galeria Flores Naturais-Jardinagem Galeria Bocchino, loja 10		Foto Luiz Rua São José, 22		Casa das Frutas Albino Entregas a domicílio - Fone: 6-1652 Rua Senador Fonseca, 1059	
Foto Gelli Rua do Rosário, 334 Fone, 4-2253		Rei dos Cartões Rua Torres Neves, 541 Fone, 6-7720		Comércio de Couros e artigos para sapateiros rua Torres Neves, 338 -		Livraria Anhanguera Rua do Rosário, 421 Fone: 2-2728	
				Lojas Excelsior Rua do Rosário, 362 Fones: 6-2260 e 4-1404		Young's Shopping Rua Torres Neves, 264	



Na Vila Hortolândia, num terreno de 15 mil metros quadrados de área, "destacado de porção maior" (segundo a certidão existente no Primeiro Cartório de Notas e Offício de Justiça) está em pleno funcionamento a mais notável indústria clandestina de toda a história das administrações, deste ou de outro município.

Trata-se da Concrebrás S.A. Engenharia de Concreto, com suas enormes torres coloridas, bem à vista de quantos transitam pela estrada-variante que liga o trevo de Itu à estrada de Itatiba, chamando a atenção até dos distraídos: a cada instante soa uma sirene, avisando que está pronta mais uma fornada de concreto.

Como pode ser clandestina uma indústria que ocupa tamanha área de terreno, com altas torres coloridas e que, ainda por cima, faz estardalhaço a cada estágio da sua produção?

Nesta ex-Terra da Uva, hoje terra do abuso, tudo é possível. Principalmente quando o transgressor produz, além de concreto, lucros polpudos para o proprietário do terreno e concomitante dono das leis que regulam o urbanismo da cidade. É de Jundiá, domínio do prefeito Ibis Cruz que estamos falando, de novo, como já falamos, sem "impressionar qualquer parcela da opinião pública, em nossa edição da semana de 18 a 24 de agosto de 1975.

Prefeito e Cia.

Na edição do JORNAL DE 2a. dessa data, publicamos matéria sobre o extermínio das áreas verdes do município pela atual administração, tarefa para a

qual o prefeito contava com a campanha, entre outros, do presidente da Câmara Municipal. Carlos Ungaro: Um projeto de lei, da autoria do referido presidente, dava um golpe final contra uma área, no Bairro da Bela Vista, que deixava de ser destinada ao "sistema recreativo" (segundo o Plano Diretor da cidade) para ser área residencial. A Câmara de Vereadores ra.

Essa denúncia foi apenas uma parte da matéria sobre áreas verdes. O restante dela estava ligado ao terreno "destacado de porção maior" onde funciona hoje, a cores e ao vivo, a Concrebrás clandestina.

Prefeito e Secretário Ltda.

Nessa edição, foi publicado, com documentação, o golpe de mestre, através do qual o prefeito, já no exercício do cargo, em cartório, na frente do escrivão e de testemunhas "adiantes nomeadas" (conforme a certidão) compareceu como outorgante vendedor - Ele e mais o seu Secretário da Saúde, dr. Arnaldo Reis - para vender a porção de 15.000 metros quadrados à Concrebrás S.A., pela vantajosa quantia de Cr\$ 1.500.000,00 (um bilhão e meio de cruzeiros antigos).

Um bilhão e meio de cruzeiros antigos por apenas parte de uma área que ele comprara de Alexandre Saska a preço infinitamente menor, já que se tratava de área prescrita como "sistema de recreio" na Lei do Plano Diretor. Segundo essa Lei, áreas dentro do "sistema de recreio" são destinadas ao uso público, como praças, parques e logradouros em geral. Em outras palavras, na hora de comprar, o prefeito e seu secretário souberam se valor da Lei para propor ao proprietário anterior um bom preço por uma área na qual nada poderia ser constituído, exceto para uso do público.

"La loi c'est moi"

Adquirida a área, passou a vigorar uma outra lei, a do abuso.

A Concrebrás, ingenuamente ou não (quem s sabe?) pagou um bilhão e meio de cruzeiros antigos para adquirir, juntamente com o terreno, o direito de desprezar uma Lei municipal e construir e fazer funcionar sua vistosa fábrica de concreto, numa área onde deveriam ser construídos parques, ou praças, ou lo logradouros para uso do público.

Que público? A gente simples de Vila Hortolândia, bairro de classe trabalhadora, bairro desprovido de áreas de recreio, bairro a favor do qual a Lei procurou preservar pelo menos aquele terreno triangular, delimitado pelo rio Jundiá-Mirim, rio Jundiá e rodovia estadual de ligação do trevo de Itu à estrada de Itatiba.

Que Lei é essa? Ora, a Lei...